
**Preparando-se para
um Casamento Feliz**

**Pegadas nas Areias
do Tempo**

**Francisco Ramos
Mexia: o Primeiro
Adventista Moderno?**

Podemos Dançar?

VOLUME 6: Nº 2

PUBLICADO EM
Espanhol
Francês
Inglês
Português



Cartas 3

Artigos em Destaque

- Preparando-se para um Casamento Feliz — *Emílio e Ada Garcia-Marenko* 5
 Pegadas nas Areias do Tempo — *Leonard R. Brand* 9
 Francisco Ramos Mexia: o Primeiro Adventista Moderno? — *Juan Carlos Priora* 12
 Podemos Dançar? Uma Base para Nossas Normas de Estilo de Vida — *Steve Case* .. 16

Perfis

- Nathan Greene — *T. Lynn Caldwell* 18
 Grace Emori — *Alícia Goree* 20

Logos

- Grafitos em Nossos Corações — *José V. Rojas* 22
 A Lição 23

Vida Universitária

- Segredos de Sobrevivência — *Jay Kesler* 24

Em Ação

- O Serviço Jovem Adventista e Você — *Dick Barron* 26
 Euro-África em Marcha — *Ronald Stradowsky* 27

Para Sua Informação

- O Jogo: Uma Opção Adventista? — *Divisão do Sul do Pacífico* 28

Livros

- The God of Relationships* (Kubo) — *Sylvia B. Rasi* 30
It's Your Money! Isn't It? (Reid) — *Ronald Vyhmeister* 30
A Woman's Place (Banks, ed.) — *Manuela Casti* 31

Primeira Pessoa

- Superando as Dilacerações da Vida — *Emily Tebbs Dube* 32

Intercâmbio 34

Et cétera 35

Representantes Regionais

Divisão Afro-Oceano Índico: Emmanuel Nlo Nlo. **Endereço:** 22 Boite Postale 1764, Abidjan, Costa do Marfim. **Divisão da África Oriental:** Hudson E. Kibuuka. **Endereço:** H.G. 100, Highlands, Harare, Zimbábue. **Divisão Euro-Africana:** Ronald Stradowsky. **Endereço:** P.O. Box 219, 3000 Berna 32, Suíça. **Divisão Euro-Asiática:** Harry Mayden. **Endereço:** Isakovskogo Street #4 Korpus 1, Stroghino, 123181 Moscou, Rússia. **Divisão do Extremo Oriente:** Jonathan Kuntaraf. **Endereço:** 800 Thomson Road, Cingapura 1129, República de Cingapura. **Divisão Interamericana:** Alfredo Garcia-Marenko e Herbert Fletcher. **Endereço:** P.O. Box 140760, Miami, FL 33114-0760, E.U.A. **Divisão Norte-Americana:** José Rojas e Gordon Madgwick. **Endereço:** 12501 Old Columbia Pike, Silver Spring, MD 20904-6600, E.U.A. **Divisão do Sul do Pacífico:** Lester Devine e Barry Gane. **Endereço:** 148 Fox Valley Road, Wahroonga, N.S.W. 2076, Austrália. **Divisão Sul-Americana:** Roberto de Azevedo e José M. B. Silva. **Endereço:** Caixa Postal 02600, 70279-970 Brasília, DF, Brasil. **Divisão Sul-Asiática:** W. G. Jenson e C. C. Nathaniel. **Endereço:** P.O. Box 2, HCF Hosur, Tamil Nadu, 635110 Índia. **Divisão Trans-Européia:** Ole Kendel e Orville Woolford. **Endereço:** 119 St. Peter's Street, St. Albans, Herts., AL1 3EY Grã-Bretanha. **União Sul-Africana:** D. Paul Shongwe. **Endereço:** P.O. Box 468, Bloemfontein 9300, Orange Free State, África do Sul. **União do Oriente Médio:** Svein Johansen. **Endereço:** P.O. Box 2043, Nicosia, Chipre.

Diálogo Universitário, um periódico internacional de fé, pensamento e ação, é publicado três vezes por ano em quatro edições paralelas (espanhol, francês, inglês e português) sob o patrocínio da Comissão de Apoio a Universitários e Profissionais Adventistas (CAUPA), organismo da Associação Geral dos Adventistas do Sétimo Dia: 12501 Old Columbia Pike, Silver Spring, MD 20904-6600, E.U.A.

Volume 6, Número 2. Copyright © 1994 pela CAUPA. Todos os direitos reservados.

DIÁLOGO UNIVERSITÁRIO afirma as crenças fundamentais da Igreja Adventista do Sétimo Dia e apóia sua missão. Os pontos de vista publicados na revista, entretanto, representam o pensamento independente dos autores.

CORRESPONDÊNCIA SOBRE CIRCULAÇÃO: Deve ser endereçada ao Representante Regional da CAUPA na região em que reside o leitor. Veja abaixo seus nomes e endereços.

ASSINATURAS: US\$10 por ano (três números). Envie-nos seu nome, endereço e um cheque em nome de *Diálogo Universitário* para: Linda Torske; 12501 Old Columbia Pike; Silver Spring, MD 20904-6600; E.U.A. Telefone: (301) 680-5066.

Comissão Internacional (CAUPA)

MATTHEW BEDIKO, *Presidente*
 RONALD M. FLOWERS E HUMBERTO M. RASI,
Vice-Presidentes
 JULIETA RASI, *Secretária*
Membros: RICHARD BARRON, MARTIN FELDBUSH,
 GORDON MADGWICK, GARY ROSS, VIRGINIA
 SMITH, RICHARD STENBAKKEN, MÁRIO
 VELOSO, ALBERT WHITING, DAVID WONG

Equipe Editorial

Editor: HUMBERTO M. RASI
Editores-Associados: RICHARD BARRON,
 RICHARD STENBAKKEN, DAVID WONG
Editor de Cópias: BEVERLY RUMBLE
Gerente Editorial: JULIETA RASI
Editores Internacionais: JULIETA RASI
 (ESPAÑOL); SAMUEL GARBI, DANIELLA VOLFF
 (FRANCÊS); EVA MICHEL, AMIN RODOR
 (PORTUGUÊS)
Correspondência Editorial:
 12501 OLD COLUMBIA PIKE
 SILVER SPRING, MD 20904-6600; E.U.A.
 TELEPHONE: (301) 680-5060
 FAX: (301) 622-9627

O estudante adventista numa universidade secular vive em um mundo diferente, confrontado com várias culturas e tentado pela sugestão de que tudo é permissível. Desapareceram a base de comunidade e a segurança que a acompanhava. Foi-se o conforto de uma família na fé, em que alegrias e preocupações eram partilhadas. Foi-se também o conforto da subcultura, em que tudo é previsível.

Neste mundo novo e inebriante o estudante adventista deve destacar-se nos estudos, no estilo de vida e no testemunho. Não é uma tarefa fácil, de modo algum. Mas há conforto no pensamento de que o estudante adventista de hoje não está só ao enfrentar o campus secular. A história registra e a experiência mostra que tais situações podem ser transformadas em oportunidades criativas para partilhar a sua fé.

Considere dois exemplos conhecidos. Moisés. A Universidade do Egito, com todo seu orgulho e pompa, promessas e poder, confrontou Moisés com uma responsabilidade intelectual e um desafio espiritual. Mas Moisés conhecia sua origem; identificava-se com seu povo; prezava sua fé. Seguro de seu terreno, certo de sua fé, ele podia enfrentar a filosofia egípcia sem ser mesmerizado por ela. E quando chegou o momento decisivo, o Egito todo não podia abalar a fé de Moisés ou perturbar os planos de longo alcance que tinha escolhido sob a direção de seu Criador. Séculos mais tarde, o cronista da jornada de fé podia escrever que “permaneceu firme como quem vê Aquele que é invisível” (Hebreus 11:27). Os faraós jazem em museus, mas Moisés, porque podia ver o Invisível, vive no coração de milhões de cada geração como um pioneiro de liberdade e um arauto da graça de Deus. Moisés destacou-se.

Considere Ester. Estrangeira em terra estranha, ela era jovem, bela e arrojada. Estava só no palácio de Susã. Os príncipes e filósofos, os governantes e os ricos, os poderosos e arrogantes tinham criado um mundo que tinha seus conceitos de valores e moralidade. Tanto assim que o capricho do orgulho facilmente recebeu a anuência do rei, e todo um povo tornou-se artigo que podia ser sacrificado. Era o povo de Ester. Que podia ela fazer? Felizmente o palácio não a tinha isolado do sentido de valor ou propósito. E ela podia converter uma situação de desespero em oportunidade para honrar a Deus. “Se perecer, pereci” (Ester 4:16), disse ela ao enfrentar um mundo de valores torcidos. Porque sabia em Quem tinha crido, podia compreender o significado das palavras de seu tio: “Quem sabe se para tal conjuntura como esta é que foste elevada a rainha?” (Ester 4:14). Ester destacou-se.

O conselho de Mardoqueu ressoa ainda hoje para cada um dos mais de 140.000 estudantes adventistas em colégios e universidades não-adventistas ao redor do mundo. Por algum propósito, você está aí. Talvez como Moisés, ou Ester, ou José. Ou como muitos outros que o precederam. Permaneça firme onde está e destaque-se.



David Wong
Editor-Associado

Informativa e encorajadora

Cada número de sua revista é uma verdadeira inspiração para mim. Vi *Diálogo* pela primeira vez há um ano quando comecei a trabalhar como estagiário ministerial na West Visayan Mission. Cada vez que leio um número novo, encontro informação relevante e uma fonte de encorajamento para minha vida cristã. Que o Senhor os acompanhe!

JESSIE ARAGON, JR.
Iloilo City, FILIPINAS

Antiga, mas ainda interessante

Oi! Depois de terminar o segundo grau, trabalhei arduamente em limpeza no Hospital Adventista de Sidney procurando economizar dinheiro suficiente para, em poucas semanas, começar meus estudos de enfermagem no Avondale College. Vocês podem imaginar meu entusiasmo e expectativa! Há poucos dias, recebi meu primeiro exemplar de sua revista e *gostei demais*. Quão interessante foi ler as diferentes opiniões de pessoas da minha idade ao redor do mundo. Mas fiquei desapontada ao ver que o número que possuía estava identificado como *Diálogo* 3-1991. Sei que não posso culpá-los por isso. Como posso obter edições mais recentes? Peço-lhes que me incluam na seção “Intercâmbio”. Continuem essa grande obra como o têm feito até agora!

TRACEY COBBIN
Sidney, AUSTRÁLIA

Apreciamos muito sua carta encorajadora, Tracey! Você receberá em breve pelo correio um número recente de Diálogo. Também incluiremos seu nome no “Intercâmbio” para que você possa entrar em contato com outros estudantes de escolas e universidades adventistas. Enquanto estiver no Avondale College, sugerimos que verifique se pode encontrar os últimos números de nossa revista com sua preceptora ou na biblioteca. Parabéns por sua determinação e trabalho árduo, e desejamos felicidades em seus estudos profissionais. O mundo precisa de enfermeiras animadas e alegres como você!—Os Editores

Descobrimos a revista

Aceitei a Cristo como meu Salvador durante uma série de conferências públicas dirigidas por uma equipe evangelística proveniente dos Estados Unidos. Fui batizado como membro da Igreja Adventista do Sétimo Dia no dia 15 de novembro de 1992. Estou finalizando minha tese de mestrado em Marketing na Kaunas Technology University e foi uma grande alegria descobrir sua revista. Por favor, coloquem meu nome no “Intercâmbio” para que possa me corresponder com estudantes adventistas e jovens profissionais do mundo inteiro. Que o Senhor os abençoe ricamente!

KLaidas GELUMBAUSKAS
Panevezys, LITUÂNIA

Nos ajuda a entrar em contato

Saudações das terras dos Incas, desde as alturas dos Andes! Achei o conteúdo de *Diálogo* muito interessante. Especialmente, gostei da possibilidade de ler a respeito e entrar em contato com profissionais e estudantes universitários de outras partes do mundo. Peço-lhes que coloquem meu nome no “Intercâmbio” e continuem em frente até que Jesus volte.

EDGAR HUAYHUA VALENCIA
Juliaca, PERU

Mais sobre homossexualismo

Sou um gay adventista e me senti feliz ao ver um artigo tão franco sobre o homossexualismo (*Diálogo* 5:2), mas fiquei desapontado ao saber que a nossa igreja continua com sua posição negativa com relação à homossexualidade. As Escrituras deveriam ser usadas como guia e não como arma para julgar alguns grupos da sociedade como “divinamente” inferiores aos demais ou para justificar que sejam maltratados. No passado, as Escrituras foram interpretadas erroneamente — e com a mesma convicção — para defender a escravidão e para subjugar as mulheres.

Mesmo hoje em dia, o sábado tem sido mal traduzido nas Bíblias “New English” como domingo. Quando as nossas crenças rebaixam e degradam a vida de outros, somos moralmente responsáveis e devemos examinar nossas interpretações bíblicas e as traduções que as influenciam, e não seguir as tradições cegamente. Fui criado de forma a acreditar num Deus bom e justo, que julga cada pessoa levando em consideração as circunstâncias individuais, e não num Deus cruel, que faria alguém ser gay ou lésbica e então o condenaria ao inferno por isso. Como o amor e a sexualidade são dons de Deus, não acho que Ele se importe se alguém ama sinceramente a outro do mesmo sexo. Acho que para Deus o importante é que a pessoa ame.

MELVIN FRIZZELL
Portsmouth, Virginia, E.U.A.

O autor responde:

É difícil responder à carta do Sr. Frizzell devido à falta de definição de vários termos que ele utiliza. Ele se baseia por todo o texto na suposição não declarada de que a inclinação homossexual é realmente genética e que a prática homossexual deve ser vista como natural e, portanto, aceita pelos cristãos que acreditam na Bíblia. Abordei esse assunto de forma detalhada no meu livro intitulado “Homosexuality in History and the Scriptures” (A Homossexualidade na História e nas Escrituras, Washington, D.C.: Biblical Research Institute, 1984). Sugiro ao Sr. Frizzell que examine alguns dos seus capítulos. Até o termo amor precisa ser definido. Hoje, a palavra representa um atoleiro semântico e pode significar quase qualquer coisa. Algo que significa qualquer coisa, para todo uso prático não significa nada. Como a Bíblia define amor? Talvez poderíamos pelo menos começar por aí. Onde podemos encontrar uma posição segura para uma definição moral e ética dos termos? Não há nada em meu artigo que sugira maus-tratos homossexuais. Unicamente mostro que a prática homossexual é incompatível com o ensino bíblico. Deus, que nos conhece a fundo, realmente leva em consideração nossa formação

individual, mas ainda assim encoraja e dá poder àqueles que O aceitaram como Senhor para que vivam de acordo com os Seus princípios.

RON SPRINGETT
Southern College
Collegedale, Tennessee, E.U.A.

Um ministério maravilhoso

Como pastor de jovens no período de verão, tenho o prazer de enviar-lhes uma lista de nomes e endereços de estudantes adventistas dessa região, com idade universitária, que estudam em instituições públicas de ensino superior. Alguns deles participam pouco na igreja. Mas *Diálogo* pode ajudá-los a manter contato com outros estudantes de colégios e universidades adventistas ao redor do mundo. Vocês têm outros recursos que poderiam nos ajudar a prestar auxílio a esse grupo da nossa igreja? Obrigado por esse maravilhoso ministério em benefício de uma parte tão necessitada do corpo da igreja!

TRAVIS PATTERSON
Spartanburg, South Carolina,
E.U.A.

Registramos os nomes dos estudantes no banco de dados da Divisão Norte-Americana e eles logo começarão a receber Diálogo. Também lhe enviamos o Handbook on Adventist Ministry on the Public University Campus. A CAUPA o fornece gratuitamente a capelães, ministros e líderes da igreja envolvidos no ministério em recintos seculares que o solicitem. Desejamos que seu grupo possa crescer! — Os Editores

Cartas

Recebemos com satisfação as suas cartas; contudo, limitem seus comentários a 200 palavras. Enviem-as para: *Dialogue Letters*, 12501 Old Columbia Pike; Silver Spring, MD 20904-6600; E.U.A. Se selecionada para publicação, sua carta poderá ser resumida por questão de clareza e espaço.

Aos 22 anos, Rute era o modelo de juventude e beleza. Ela gostava da universidade. Seus professores eram bons. A vida parecia tão divertida, e muito mais lhe estava reservado. Um dia encontrou-se com Roberto, 24, um colega de estudo, e depois disto sua vida pareceu adquirir um colorido mais brilhante. Rute e Roberto tinham tanto em comum, freqüentavam a mesma igreja, e tinham uma clara percepção de seus alvos futuros. Parecia que tinham sido feitos um para o outro. Uma tarde durante um retiro da juventude, encaminharam-se para o lago. As águas refletiam um dourado alaranjado do pôr-do-sol. As árvores balançavam gentilmente. Uma brisa de verão trazia a frescura do Norte. “Este é o momento”, pensou Roberto, e perguntou a Rute algo que lhe perguntara fazia meses: “Quer você ser minha fiel namorada? Eu a amo.” “Sim”, disse Rute, e lhe pareceu estar num mundo diferente, flutuando na abertura do amor e promessa.

A resposta de Rute não foi precipitada. Veio depois de muita reflexão, conselho e oração. A primeira vez que Roberto lhe fizera a pergunta, ela não estava pronta para dizer “Sim”.

O casamento é importante, mas o preparo para o casamento é igualmente importante. Escolher um parceiro de casamento é um dos passos mais importantes que um jovem toma na vida. Tal decisão não deve ser feita levemente ou com pressa. A experiência sugere que há ao menos quatro critérios que os jovens deviam considerar em sua procura de um companheiro para a vida.

Escolhendo um companheiro: quatro critérios

Estar preparado. Estar preparado implica maturidade de ambas as partes para o noivado e o casamento. Maturidade pode ser avaliada pelo modo em que você responde às seguintes perguntas: Está você pronto para os desafios e alegrias da vida de casado? Saiu você da confusão e conflitos típicos da adolescência? É você equilibrado e responsável? Sabe relacionar-se com outros altruisticamente? Pode analisar um problema e resolvê-lo, ou você tende a permitir que o problema o assoberbe? Compreende e aceita a natureza sagrada e perpétua do casamento? Tem desenvolvido atitudes sadias e apropriadas em relação ao sexo? Sabe o que é verdadeiro amor? Goza de uma experiência religiosa positiva?

Compatibilidade. Incompatibilidade entre marido e mulher é uma das causas principais da ruptura de um casamento. Jovens que desejam casar-se devem avaliar sua compatibilidade. Examinem-se fazendo algumas perguntas incisivas. Sentem-se bem com o modo de vocês se comunicarem um com o outro? É fácil para vocês estabelecerem um diálogo bem-sucedido? Sentem-se vocês bem com as maneiras e estilo de vida um do outro? São

Preparando-se para um Casamento Feliz

os modos como vocês expressam afeição agradáveis a ambos? Sentem-se bem com o temperamento um do outro?

Comunicação é elemento chave para a compatibilidade. Se descobrirem durante o namoro que vocês têm dificuldades de comunicação e que mesmo uma discussão simples leva a mal-entendidos sérios, argumentos calorosos, a probabilidade é que vocês enfrentarão problemas semelhantes mesmo depois do casamento. Sim, qualquer problema pode ser resolvido havendo amor, compreensão mútua e tolerância, mas por que arriscar? É melhor terminar a relação antes de assumir o compromisso do casamento.

Emílio e
Ada Garcia-
Marenko

Outro ponto forte para desenvolver compatibilidade é haver acordo básico. Durante o namoro, sentiu você uma lista crescente de assuntos sobre os quais preferia não falar? Há um desacordo fundamental sobre valores, crenças religiosas e práticas ou amigos? Qualquer diferença séria nessas áreas devia alertá-lo sobre a possibilidade de incompatibilidade no casamento.

Homogamia. A palavra pode parecer estranha, mas tem um significado simples. A pesquisa tem demonstrado que parceiros que partilham características comuns em certas áreas cruciais têm maior probabilidade de êxito no casamento. Essas áreas incluem idade, religião, preparo educacional, inteligência e formação social, cultural e étnica.

Isto não significa que o casamento entre pessoas que diferem em qualquer dessas áreas fracassará inevitavelmente. Com tempo e esforço, cristãos maduros podem resolver diferenças em uma ou mais dessas áreas. Contudo, a pesquisa indica que quanto mais afinidades os parceiros têm, tanto menos difícil será o ajustamento conjugal. E quando conflitos surgem, tanto mais fácil será resolvê-los.

Compromisso espiritual. O fator mais importante de êxito em qualquer aspecto da vida é uma relação positiva com Deus. Quando duas pessoas com diferentes compromissos religiosos e preferências decidem casar, estão arriscando seriamente sua estabilidade conjugal. Tais casamentos também expõem as crianças a graves dificuldades.

Quando Rute disse “Sim” a Roberto, ela já tinha pesado seriamente todos esses critérios, e estava ciente de que estava dando o passo certo. Depois de voltar à universidade, findo o retiro, sua melhor amiga sentiu imediatamente que algo acontecera. Logo estavam discutindo todos os pormenores emocionantes. Mas depois de algum tempo, Rute tornou-se pensativa e partilhou algumas preocupações com a amiga.

Rute tinha visto muitas relações tão felizes como a sua arruinar-se. Ela não queria que isto acontecesse com ela, e perguntou-se se não havia alguns

segredos que pudessem ajudar um casal ter um namoro bem-sucedido. Ela sabia que hábitos iniciados durante o noivado estabelecem precedentes que afetam o casamento. Ela queria um casamento feliz; portanto, ela queria que seu noivado fosse uma experiência feliz, que contribuísse para seu desenvolvimento e realização.

Segredos de um noivado feliz

Rute e outros, à semelhança dela, serão beneficiados sabendo ao menos quatro segredos de um noivado feliz.

1. Seriedade de propósito. O período de noivado não deveria ser considerado levemente. Provê condições especiais sob as quais jovens podem conhecer-se mutuamente e fazer decisões inteligentes sobre o casamento. Ao passo que jovens não devem pensar que devem casar-se com a primeira pessoa com a qual namoram, é legítimo que pensem que tal pessoa é potencialmente um parceiro de casamento. Isto é especialmente verdade sobre jovens cristãos que desejam agir sempre em termos de seu compromisso com Jesus.

2. Criatividade. Torne o namoro criativo. Que seja um tempo de regozijo autêntico — não só para você, mas para aqueles que lhe desejam bem. Não permita que a relação degenerem em rotina. Planeje atividades que ambos possam apreciar. Trabalhando num projeto de igreja ou de comunidade, exercitando, cozinhando (e limpando depois!), fazendo acampamento e atividades semelhantes não custam muito dinheiro, mas provêem muita oportunidade para divertimento e de estarem juntos.

Cultive um passatempo do qual podem participar juntos — fotografia, música, leitura, velejar, colecionar. O trocar de idéias sobre tais coisas como planos futuros, notícias atuais, esportes, atividades de igreja ajuda a estabelecer relações sadias e respeito pelas opiniões um do outro.

3. Sinceridade. Sem absoluta sinceridade nenhum namoro pode sobreviver. Sinceridade requer que cada um seja verdadeiro para consigo e para com o outro. Saul estava cortejando Helena, que se especializava em música. Ele a acompanhava a todos os concertos e recitais e pretendia apreciá-los, embora preferisse estar noutra parte. Ela pensava ter tido sorte de estar com alguém que

pudesse apreciar o tipo de música que era tão importante em sua vida.

Imagine seu espanto quando descobriu que Saul mal tolerava música clássica. Sinceridade também implica que se a gente sente que seria melhor terminar a relação, é melhor dizê-lo honestamente do que achar desculpas para adiar uma decisão.

4. Respeito. Um namoro bem-sucedido requer consideração pela outra pessoa — seus sentimentos, preferências, idéias, família e amigos. Um casal cristão não pode admitir nenhum comportamento descuidado que pudesse produzir culpa e vergonha. Precisam reconhecer que o sexo torna-se fonte de alegria e realização somente dentro dos liames do casamento.

Para Rute e Roberto o tempo de namoro foi realmente feliz. Depois de dois anos concluíram que se conheciam bem, e estavam prontos a assumir o compromisso de casamento. Anunciaram seu noivado. Logo reconheceram que além de se preparar para a cerimônia de casamento, precisavam estar prontos para as responsabilidades de um matrimônio.

Embora o Manual de Igreja recomende que nenhum pastor deva efetuar um casamento sem bastante aconselhamento premarital com os interessados, nem todos os noivos têm essa oportunidade. Mesmo onde conselho profissional não seja fácil de obter, o casal devia procurar conselho de seu pastor e de outros que têm experiência positiva nessa área. Rute e Roberto fizeram isto. Tinham alguns amigos que também estavam planejando se casar, e juntos formaram um grupo informal que se reunia uma vez por semana para discutir assuntos relacionados com o casamento.

Preparando-se para o casamento

1. Compreendendo a verdadeira natureza do amor. O amor é um princípio, não um sentimento flutuante. Amor envolve sentimentos mas não é um sentimento. Com efeito, sentimentos podem vir de proximidade física ou uma troca de carícias com uma pessoa do sexo oposto, sem nenhum amor. Verdadeiro amor no namoro e casamento é uma combinação de lealdade, intimidade, sentimentos de atração física, romance, companheirismo e compromisso. Em I Coríntios 13, o apóstolo Paulo apresenta um retrato do verdadeiro amor.

2. Aceitar a perpetuidade e santidade da aliança conjugal. Quando um compromisso existe de ficarem juntos “enquanto ambos viverem”, “para melhor ou para pior”, é mais fácil achar uma solução quando problemas ocorrem. Estar pronto a aceitar o que não pode ser mudado num parceiro e fazer o seu melhor para manter a relação sempre crescendo, requer um compromisso sério à aliança conjugal.

3. Aprender a arte de comunicação. Casais felizes sabem como comunicar efetivamente. Comunicam-se para obter compreensão mútua, solução eficaz para problemas, resolução criativa para conflitos e intimidade satisfatória. Podem conversar sobre qualquer problema sem sentir-se ameaçados. São capazes de compreender mensagens verbais e não-verbais. Procuram o momento apropriado para comunicar-se. Podem ser honestos sem ser cruéis ou sarcásticos. Respeitam os sentimentos um do outro. Podem concordar em discordar sem ser desagradáveis.

4. Aceitar diferenças individuais. Compreender e aceitar o companheiro como um indivíduo único com traços positivos e negativos é essencial para construir um matrimônio sadio. Respeito próprio e respeito pelos outros cresce à medida que compreendemos nosso valor infinito como filhos e filhas de Deus, criados a Sua imagem, remidos por um preço infinito e chamados para servir. Aqueles que compreendem isto estão melhor preparados para se relacionar com seu cônjuge com respeito, consideração e afeição, e estão melhor equipados para resolver problemas e conflitos.

5. Seguir o modelo de liderança cristã. O matrimônio precisa de limites claros, estrutura e delimitação de papéis e autoridade. De outro modo, a luta pelo poder pode prejudicar a relação. Cristo apresenta um modelo de liderança que pode ajudar casais a evitar conflitos amargos. A Bíblia dá ao marido o papel de chefe da família, e à esposa o papel de ajudadora e nutriz, o que freqüentemente envolve maternidade. O essencial não é o que — mas quem — pode fazer melhor em vista de dons e talentos. Casais cristãos devem discutir suas expectativas e preferências livremente de modo a poder chegar a uma distribuição de responsabilidades aceita por ambos.

6. Dar à vida espiritual sua prioridade. Cada parceiro deve estabelecer uma relação pessoal com Deus. Indivíduos que tomam tempo para estar a sós com Deus acharão mais fácil reservar um tempo para devoção em família. Freqüência regular à igreja e envolvimento na vida congregacional como família desenvolve um senso de comunidade com Deus. Uma forte base espiritual fortalece o casamento e faz famílias felizes.

7. Aceitar uma mordomia cristã total. Um casal cristão reconhece que tudo pertence a Deus e que somos apenas seus gerentes. Como mordomos, o casal é responsável perante Deus pelo uso inteligente dos recursos da família: tempo, talentos, finanças, saúde, meio-ambiente, relações, etc. Um matrimônio fundado sobre o conceito de mordomia cristã não deixa lugar para desconfiança, competição, ciúme, ira ou outros fatores que destroem relações.

8. Reconhecer laços de família. A família de cada parceiro tem um impacto definitivo sobre o comportamento emocional de cada um. Casais precisam compreender que, embora estejam começando uma nova família, ainda têm laços com suas famílias. Uma relação positiva, sem estar excessivamente apegada, fará da família original uma fonte de apoio em edificar o novo lar.

9. Compreender o papel da sexualidade no casamento. Sexo é parte do plano de Deus para a realização humana, tanto na relação física como na criação dos filhos. O casal deve desenvolver sentimentos positivos sobre o sexo. No casamento o sexo é um instrumento poderoso para expressar amor, ternura, intimidade e alegria. Para alcançar o pleno potencial do sexo no casamento, o casal deve não só compreender os aspectos fisiológicos do sexo, mas também suas dimensões emocionais e espirituais.

10. Ter em conta um planejamento de família responsável. Casais deviam trocar opiniões sobre filhos — quantos querem, quão logo e com que intervalo. Deviam ter as razões legítimas e o preparo adequado para as responsabilidades de pais. Devem planejar com antecedência sobre o número de crianças para as quais

podem providenciar cuidado adequado, educação e um ambiente emocional e espiritual apropriado.

Certa tarde especial Rute marchou pelo corredor central de uma igreja. Ao pôr sua mão na de Roberto, um sorriso aumentou a radiância de sua face. Roberto ali estava — alto, forte e feliz. Juntos assumiram seus votos. Os votos não eram apenas um grupo de palavras, mas sua entrada numa aliança. Emoção, antecipação, sentimento e felicidade faziam parte da ocasião. Mas, além de tudo, havia uma certeza. Rute amava Roberto. Roberto amava Rute. E ambos amavam seu Senhor. Ao se ajoelharem juntos diante de suas famílias e amigos para selar sua aliança em oração, tinham certeza de que um terceiro Parceiro — Jesus — estava com eles, com Sua promessa de dar-lhes alegria, de tornar seu amor duradouro e de lhes proporcionar uma vida realizada. □

Emílio e Ada Garcia-Marenko, especialistas em educação familiar, são, respectivamente, vice-presidente para administração acadêmica e diretora de aconselhamento e orientação na Universidad de Montemorelos, no México. Eles têm publicado diversos artigos e livros sobre a vida de família.

É Amor? Avalie-se.

As afirmações a seguir se referem a diferentes aspectos do amor. Avalie-se fazendo um círculo em torno do número que melhor se aplica a você. Utilize a seguinte escala:

1 = muito falso 2 = falso 3 = indeciso 4 = verdadeiro 5 = muito verdadeiro

- | | | |
|-----|---|-----------|
| 1. | Eu tenho um bom relacionamento com ele/a. | 1 2 3 4 5 |
| 2. | Ele/a me atrai fisicamente. | 1 2 3 4 5 |
| 3. | Estou decidido a manter minha relação com ele/a. | 1 2 3 4 5 |
| 4. | Quando estou com ele/a, posso ser eu mesmo/a sem esforço. | 1 2 3 4 5 |
| 5. | Ele/a é muito importante para mim independentemente da emoção ou da falta de emoção do momento. | 1 2 3 4 5 |
| 6. | Temos boa comunicação. | 1 2 3 4 5 |
| 7. | Apoiamos um ao outro emocionalmente. | 1 2 3 4 5 |
| 8. | Acho que compreendemos um ao outro. | 1 2 3 4 5 |
| 9. | Não posso viver sem ele/a. | 1 2 3 4 5 |
| 10. | Sinto-me perto dele/a mesmo quando não nos tocamos ou conversamos freqüentemente. | 1 2 3 4 5 |
| 11. | Não acho que outra pessoa possa fazer-me feliz como ele/a. | 1 2 3 4 5 |
| 12. | Sinto-me orgulhoso/a de ser visto/a com ele/a. | 1 2 3 4 5 |
| 13. | Quero que meu amor dure mesmo se ele/a adoecer e sua aparência física mudar. | 1 2 3 4 5 |
| 14. | Respeito sua capacidade intelectual.. | 1 2 3 4 5 |
| 15. | Compreendemos um ao outro. | 1 2 3 4 5 |
| 16. | Sinto-me feliz e satisfeito/a do modo que ele/a demonstra carinho por mim. | 1 2 3 4 5 |
| 17. | Prefiro estar com ele/a a estar com qualquer outra pessoa. | 1 2 3 4 5 |
| 18. | Ele/a está incluído/a nos meus planos a longo prazo. | 1 2 3 4 5 |
| 19. | Os nossos desentendimentos resultam numa melhor compreensão um do outro. | 1 2 3 4 5 |
| 20. | Ambos estamos decididos a cooperar e, se necessário, fazer sacrifícios em benefício de nossa relação. | 1 2 3 4 5 |

Avaliação: Some a pontuação de cada item. Se obteve 100 pontos, provavelmente você mentiu ou está tão apaixonado que não enxerga a verdade. Ninguém pode ter esse amor tão perfeito! Mas quanto maior sua pontuação, maior a probabilidade de que ame realmente.

(Este questionário baseia-se nas idéias de Judson T. e Mary G. Landis, em *Building a Successful Marriage*, págs. 115, 116; e na Escala Triangular de Amor de Sternberg, encontrada em *The Triangle of Love*, de Robert Sternberg, pág. 99.)

Como deve a ciência relacionar-se com idéias que parecem insólitas, extravagantes ou simplesmente absurdas? Tome, por exemplo, o conceito bíblico das origens, incluindo intervenção inteligente (Criação) e uma catástrofe mundial (o Dilúvio). Alguns cientistas as rejeitariam como absurdas, sem contribuir muito para a ciência. Mas é isto justo? Em 1926 o então presidente da Sociedade Geológica da América disse algo que os cientistas fariam bem em lembrar. Insistia que os geólogos estivessem dispostos a dar consideração séria a “hipóteses extravagantes”, uma vez que toda idéia nova parece de início extravagante.¹

Um dos atributos primários da ciência é abertura para novas idéias. Teoria científica, por definição, tem as seguintes características:

1. Explica e organiza fatos previamente sem ligação.
2. Sugere experimentos úteis, estimulando assim o progresso científico.
3. Pode ser testada; suas conclusões podem ser verificadas, e sua pretensão de ser verdadeira está aberta à verificação.
4. Prevê o resultado de experimentos novos. Se a predição for testada, nossa confiança naquela teoria aumentará.

Hipóteses testáveis e não-testáveis

Destas características a mais crítica é a da comprovação. Se uma teoria não pode ser testada, está fora do domínio da ciência (embora possa ser verdadeira). Isto, alguém concluiria, elimina o intervencionismo do domínio da ciência. Mas não é tão simples assim, porque o intervencionismo como a evolução natural tem aspectos comprováveis e não-comprováveis. Cientistas em geral concordariam que a hipótese “Deus criou a vida” não pode ser testada pela ciência. Isto é, a ciência não pode constituir um experimento ou grupo de observações que potencialmente falsificaria aquela hipótese. Isto nos deixa com a hipótese “A vida não foi criada por Deus”. Esta posição alternativa é geralmente aceita como ciência válida.

Lembremos nossa definição de uma teoria científica útil: ela pode ser testada. Voltemos à hipótese: “A vida não foi criada por Deus”. Pode alguém planejar um experimento ou grupo de observações

que potencialmente falsificaria aquela hipótese? Os conceitos: “Deus criou a vida” e “A vida não foi criada por Deus” são portanto igualmente não-comprováveis. A ciência deveria ou (a) encontrar um experimento válido para testar um desses conceitos ou (b) abster-se de dizer que um conceito é científico e o outro não.

O conceito bíblico de uma catástrofe global apresenta dilemas adicionais para a ciência. Antes de discuti-los, retornemos à questão do preconceito.

Pegadas nas Areias do Tempo

Pode alguém manter filosofia e fé pessoais e ainda assim reter credibilidade científica?

É preconceito um problema religioso?

De 1923 a 1932 o geólogo J. Harlen Bretz apresentou evidência de que os *canyons* nos Channeled Scablands do Leste do Estado de Washington eram o resultado de uma enchente gigantesca. Depois de uma longa luta para manter as interpretações tradicionais, não-catastróficas para os Channeled Scablands, os geólogos finalmente aceitaram a evidência para o esvaziamento catastrófico do Lago Glacial Missoula através dos Scablands (a inundação de Spokane). Isto

Leonard
R. Brand

envolveu uma luta enorme porque a geologia rejeitou o catastrofismo bíblico comumente aceito no século XIX, quando Charles Lyell desenvolveu sua teoria de geologia uniformitária.

Conseqüentemente, alguns geólogos concluíram que o aceitar qualquer interpretação catastrófica seria contrário à ciência. Hoje, contudo, muitos processos catastróficos são reconhecidos no registro geológico, mas este reconhecimento não foi fácil.

V. R. Baker resume assim esse episódio histórico: “A hipótese de inundação de Spokane estabeleceu um conflito entre duas pedras angulares da filosofia geológica: (i) o triunfo da teoria glacial sobre o mito do Dilúvio e (ii) a tolerância científica de uma hipótese extravagante. É um dilema clássico para o cientista distinguir o absurdo do extravagante.”²

Como podemos saber em que categoria colocar uma idéia antes de ela ser testada cabalmente? A hipótese de uma inundação, conforme sugerida por Bretz, parecia absurda para muitos geólogos daquela época, mas evidência posterior confirmou sua hipótese.

Parece-me que há uma resposta a este dilema. A chave é reconhecer que não é a origem que determina se uma idéia é científica. Cientistas obtêm suas idéias de muitos modos, mesmo em sonhos ou por observações fortuitas. De onde vem a idéia não interessa. A idéia pode ser cientificamente útil *se ela pode ser testada*. Se a idéia pode ser formulada como uma hipótese, e se se pode imaginar experimentos, ou observações que a desaprovaram se fosse incorreta, então é uma idéia científica útil. Mesmo quando a crença não ortodoxa de um geólogo numa catástrofe universal lhe sugere a hipótese para a formação de alguma marca geológica, a fonte da idéia é imaterial. Se a hipótese pode ser testada com êxito, ela é uma boa hipótese científica, mesmo que pareça extravagante.

Este argumento leva-me a propor que teorias cientificamente úteis (comprováveis) podem ter sua origem em conceitos religiosos. Não podemos testar diretamente se Deus Se envolveu na história da Terra, mas se Ele o fez (por exemplo, através de uma catástrofe global), tais eventos devem ter produzido alguma evidência no mundo natural. Se tal evidência existe, o cientista que usa a

Bíblia como fonte de idéias para desenvolver hipóteses deveria atuar como um pesquisador competente.

Alguns responderiam a esta altura que precisamos manter nossa ciência separada da religião, e não permitir que a religião torça nossa ciência. É isto um problema? Prejudicará a religião nossa ciência? É possível que o faça, mas corremos o risco de ser muito superficiais se não examinarmos os vários aspectos desta questão. Todo cientista opera na base de uma visão do mundo, com um grupo específico de pressuposições. Essas pressuposições influenciarão fortemente a interpretação dos dados. Isto é verdade, quer as pressuposições incluam componentes teístas ou não.

Compare as diferenças entre estas duas perguntas sobre a história da vida:

1. Qual hipótese é correta?
 - a. Coisas viventes resultaram da hipótese evolucionista-naturalística A.
 - b. Coisas viventes resultaram da hipótese evolucionista-naturalística B.
2. Qual hipótese é correta?
 - a. Coisas viventes resultaram da hipótese evolucionista-naturalística A.
 - b. Coisas viventes resultaram da hipótese evolucionista-naturalística B.
 - c. Organismos vivos foram criados por um Planejador inteligente.

Durante o último século ou mais, a ciência escolheu pressuposições que permitem ao cientista fazer somente a pergunta 1. Não é esta uma influência que distorce?

Tem sido reconhecido que a teoria de Charles Lyell (que toda mudança geológica ocorre lenta e gradualmente) foi derivada da cultura e imposta aos dados,³ e que os catastrofistas do tempo de Lyell eram pelo menos leais à ciência tanto quanto ele o era. Os historiadores não dizem isto porque concordam com as opiniões bíblicas dos adversários de Lyell, mas porque reconhecem que a despeito da fonte das idéias daqueles geólogos que criam na Bíblia, eles eram observadores mais cuidadosos do que Lyell. Como a experiência de Lyell mostra, a filosofia

que alguém adota pode afetar suas idéias científicas. Preconceito, então, não é um problema religioso; é um problema humano que precisamos reconhecer e procurar resolver.

Controle do preconceito na ciência

O método científico de controle do preconceito inclui os componentes seguintes:

- * Use pesquisa bem planejada e cuidadosa coleta de dados.
- * Discuta resultados específicos com colegas e apresente monografias em assembléias científicas.
- * Submeta monografias para publicação em jornais científicos de renome.

Tal método é realmente um sistema de controle por colegas qualificados, o que ajuda a manter a qualidade na ciência. Esse método não pode tratar de questões filosóficas ou religiosas, mas toda vez que a filosofia nos pode ajudar a definir uma hipótese e a coletar dados para testar a hipótese, tal pesquisa pode ser submetida proveitosamente ao processo descrito acima.

No presente a ciência adere à filosofia naturalista, que exclui qualquer atividade divina na história da Terra. “Se há uma regra, um critério que faz uma teoria ser científica, é que precisa invocar explicações naturalistas para os fenômenos, e estas explicações devem ser comprováveis somente pelos critérios de nossos cinco sentidos”.⁴ Concordo que a ciência não pode comprovar por experimentos científicos o sobrenatural, mas a ciência foi mais longe ao aceitar somente teorias que não implicam ou requerem qualquer atividade sobrenatural em tempo algum. Esse conceito minaria a credibilidade dos colegas de Lyell, visto que a Bíblia tinha influenciado sua compreensão da história da Terra. Contudo, historiadores modernos da ciência os aceitam efetivamente como cientistas porque eram observadores cuidadosos cujas conclusões eram coerentes com seus dados. Se esses geólogos catastrofistas tivessem continuado suas pesquisas durante e depois do tempo de Lyell, sua influência poderia ter provido um contrapeso filosófico. A geologia poderia então ter sido salva de um século de adesão rígida aos aspectos errôneos da teoria de Lyell.

Creio que a ciência seria beneficiada se respeitasse e aceitasse cientistas

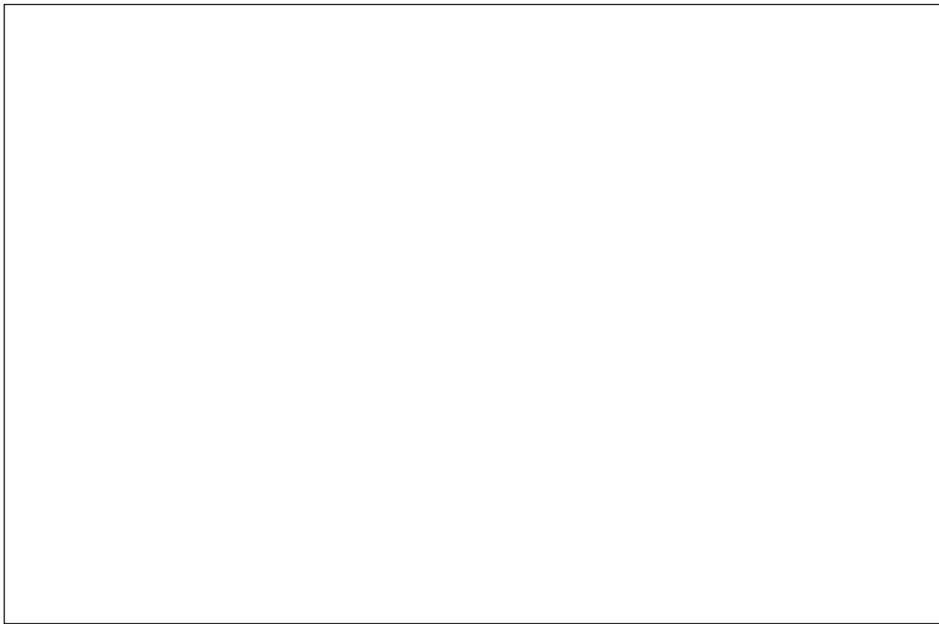


Figura 1. O Arenito de Coconino é o penhasco esbranquiçado próximo à borda do Grand Canyon.

cuidadosos com diferentes opiniões filosóficas, se eles trabalhassem dentro do processo de controle por colegas. Não há controle de qualidade que se compare com o saber que quando apresentamos uma monografia sobre nosso trabalho recente, outros, incluindo aqueles que discordam de nós, estarão prontos a assinalar os erros que nos escaparam! Cientistas com filosofias diferentes podem diferir consideravelmente em suas opiniões sobre como os dados se entrosam num modelo da história da Terra, mas quando analisam uma formação rochosa específica, eles podem falar a mesma língua visto que lidam com os mesmos dados.

O Arenito de Coconino

Um projeto de pesquisa atual ilustrará como a geologia catastrófica sugere hipóteses a serem testadas. Espalhadas pelo mundo há um número de formações de arenito que os cientistas interpretam como tendo sua origem em desertos e dunas. Essas formações têm estratificação cruzada — isto é, são compostas de camadas oblíquas. Ao serem depositadas essas camadas de areia, anfíbios ou répteis andavam sobre elas, deixando pegadas que foram cobertas e preservadas por camadas subsequentes. Quando os sedimentos converteram-se em rocha, as pegadas tornaram-se fósseis.

Como foram essas extensas jazidas de areia depositadas com as pegadas de animais? Podem elas nos dizer algo sobre

os processos geológicos que ocorreram durante uma catástrofe mundial? A teoria catastrofista sugere que esses arenitos podem não se ter formado num deserto. Essas questões têm estimulado uma pesquisa em um desses arenitos, o Arenito de Coconino, do Grand Canyon, no Arizona (Fig. 1).

A explicação atual das pegadas aí achadas foi desenvolvida primariamente pelo geólogo Edwin McKee.⁵ Ele comparou também as pegadas de vertebrados vivos com as pegadas fósseis,⁶ e concluiu que as pegadas do Coconino se formaram provavelmente em areia seca de deserto. Contudo, é claro agora que sua pesquisa não foi suficientemente longe para testar esta hipótese.

Comecei meu estudo com experimentos como os de McKee, mas fui além de seu trabalho. Descobri que as marcas experimentais mais semelhantes às pegadas fósseis foram feitas debaixo d'água.⁷ Também descobri recentemente uma circunstância especial que preserva boas marcas em areia seca. Se a areia for molhada, digamos por uma ligeira chuva, e secada durante a noite, há justamente coesão bastante entre os grãos de areia para permitir que animais deixem boas marcas. Contrariamente a algumas monografias publicadas, boa preservação de marcas não é necessariamente evidência de condições desérticas. Visto que marcas claras podem ser produzidas tanto debaixo de água quanto em areia

umedecida, a claridade das marcas não garante sob que condições as marcas foram feitas. Outro tipo de evidência é necessário para resolver a questão.

Desde que McKee fez seu trabalho, os cientistas descobriram que os critérios outrora usados para identificar depósitos de areia formados no deserto não eram confiáveis. Descobriram também que dunas de areia são formadas no fundo dos oceanos, e que as dunas submarinas são virtualmente idênticas em forma e escala com dunas depositadas pelo vento.⁸ Recentemente sedimentologistas estudaram outros aspectos desses arenitos. Agora eles têm maior confiança de poder identificar depósitos de areia levada pelo vento, e ainda em geral consideram o Arenito de Coconino como sendo um depósito eólico de areia.⁹ Porém, nem todos os geólogos concordam, e minha pesquisa tem produzido evidência a favor de uma origem submarina para as pegadas de fósseis.

Comportamento de fóssil e uma experiência análoga de laboratório

O tipo de evidência com o maior potencial para comprovar se as pegadas foram feitas debaixo de água, seria evidência sobre a flutuabilidade do animal — evidência que enquanto o animal produzia as marcas, o peso de seu corpo era sustentado parcial ou totalmente pela água. Encontrei muitas marcas de fóssil que demonstravam comportamento que podia ocorrer somente debaixo de água.¹⁰

Pegadas normais de fósseis numa rampa (Fig. 2A) mostram uma alternância regular dos pés esquerdo e direito, bem como marcas dos artelhos que apontavam aproximadamente na direção em que o animal se movia. Estas pegadas quase sempre sobem a rampa das camadas. Em contraste, 87 pegadas foram achadas com evidência de que os animais se moviam de lado (Fig. 2B), com os artelhos apontando numa direção geral — não na direção em que o animal estava movendo. Em alguns casos a marca do rastro progride quase em ângulo reto com a direção em que as pegadas apontam. Rastros deste tipo foram achados no local ou em amostras de museus do Arenito de Coconino. Esses

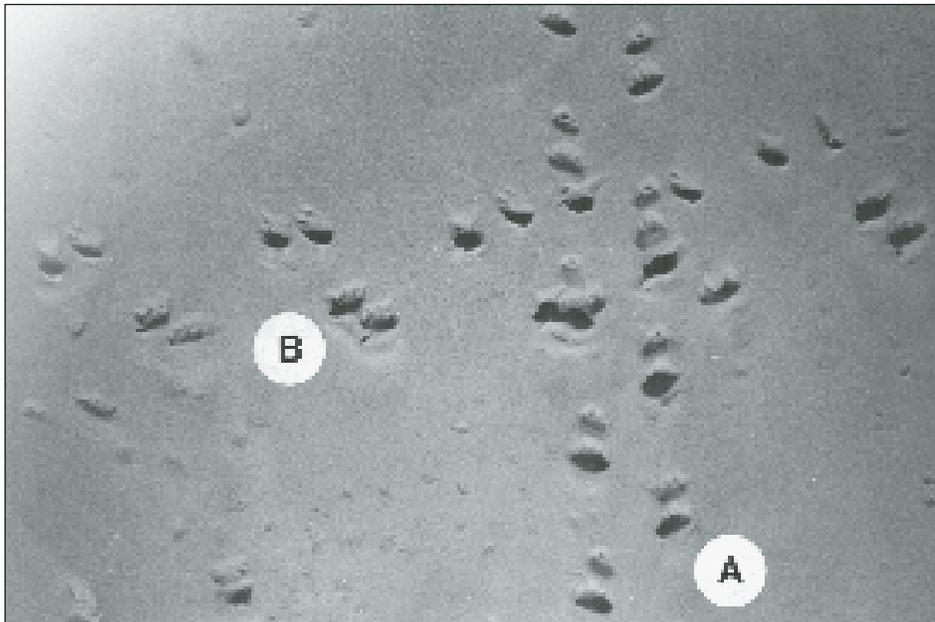


Figura 2. Dois rastros que ilustram as trilhas e as marcas individuais. Um dos rastros foi feito por um animal que andava nos padrões normais (A) e o outro quando se movia de lado (B).

rastros cortavam a rampa obliquamente, com as marcas dos artelhos apontando para o alto da rampa.

Qualquer interpretação do Arenito de Coconino precisa explicar o comportamento dos animais que deixaram esses rastros. Desconheço evidência de que répteis ou anfíbios andassem de lado, cruzando as pernas sob seu corpo afim de apontar seus artelhos para a frente, enquanto se moviam de lado.

Sugeri a hipótese de que esses rastros podiam ser explicados por animais que andassem debaixo d'água, enquanto uma corrente de água suave movia os animais de lado, ao mesmo tempo que eles procuravam andar para frente. Experimentos foram feitos para testar essa hipótese com salamandras andando debaixo d'água no laboratório (Fig. 3). Às vezes andavam diretamente com a corrente, mas freqüentemente a corrente as movia de lado. Elas então continuavam a andar enquanto deslizavam em certo ângulo com a direção na qual seu corpo estava orientado. Os rastros produzidos sob essas condições parecem bastante com os rastros oblíquos observados no Arenito de Coconino.

Esses rastros podem ser explicados mais facilmente se os animais estivessem

andando debaixo d'água. Se o animal submerso estivesse andando sobre a areia enquanto parcialmente empurrados pela água (como é o caso com salamandras hoje), ele poderia deslizar de lado quando empurrado por uma corrente lateral. Como o peso do animal não repousa sobre o fundo, ele pode ser movido lateralmente por uma corrente bastante suave. Por outro lado, se o animal não estivesse na água, mas estivesse andando sobre uma duna de areia, nenhum mecanismo atualmente conhecido poderia explicar o notável deslize lateral evidente em muitos rastros de fóssil.

Outra linha de evidência para a flutuação de animais na água se encontra em diversos rastros. Esses rastros começam subitamente no meio de uma superfície lisa, ou terminam subitamente sem nenhum traço que indique aonde foi o animal. Deslizes que ocorrem no Arenito de Coconino poderiam cobrir parte de uma pista fazendo parecer como se ela terminasse subitamente. Contudo, esses rastros não mostram evidência de deslizamentos ou outras perturbações que pudessem ter obliterado parte dos rastros.

Esses rastros fora do comum podem ser explicados mais facilmente por um ambiente onde depósitos permitem que rastros sejam feitos debaixo d'água. Enquanto andavam sobre o fundo, os animais foram subitamente carregados pela corrente ou simplesmente nadaram na corrente.

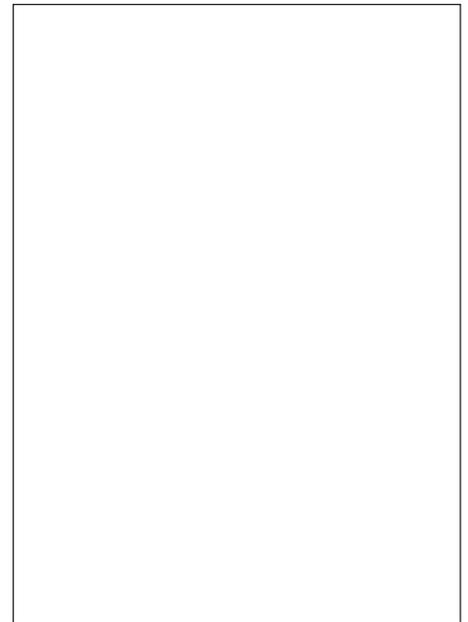


Figura 3. Uma salamandra anda sobre areia numa câmara experimental no laboratório.

A evidência de flutuação vista nos rastros descritos acima, que estão amplamente distribuídos no Arenito de Coconino, seria difícil de explicar se os rastros não tivessem sido feitos debaixo d'água. Essas evidências incluem rastros que deslizam para o lado, que começam ou param subitamente e rastros irregulares nos quais um animal que flutua só ocasionalmente toca o fundo. Estes dados indicam que os rastros não favorecem a hipótese de uma origem eólica para as dunas de areia. Ao contrário, apontam para a deposição sob a água de pelo menos parte do Arenito de Coconino.

Conclusão

Provou esta pesquisa que o Arenito de Coconino foi produzido durante uma catástrofe global? Não. Não seria correto afirmá-lo. Se esses arenitos foram depositados debaixo d'água, isto pode ser explicado por uma teoria não catastrofista. Não é justo pensar em termos de provar cientificamente se uma teoria tão ampla como a catástrofe global mencionada na Bíblia é verdadeira. O que a pesquisa fez foi demonstrar como catastrofistas podem usar esta teoria para desenvolver hipóteses científicas sobre uma questão geológica, e levar a efeito com êxito pesquisa científica para testar esta hipótese. Este é um critério que a ciência usa para determinar o valor científico de qualquer teoria.

Continua na pág. 33

Diálogo 6:2—1994

Dezesseis anos antes do grande desapontamento de 1844, Francisco Ramos Mexia de Buenos Aires morria como observador do sábado e crente na iminente volta de Jesus.

Quem é Adventista do Sétimo Dia? Em poucas palavras, é aquele que guarda o sábado do sétimo dia e aguarda a volta literal de Jesus Cristo no futuro próximo. Naturalmente, há outras crenças fundamentais aceitas por um Adventista do Sétimo Dia, mas estas duas são fundamentais. LeRoy Froom, em sua pesquisa monumental sobre o movimento adventista através dos séculos,¹ identificou diversos adventistas observadores do sábado no começo do século XIX, mesmo antes do nascimento do adventismo.

Na Escócia havia James A. Begg, um presbiteriano que cria na segunda vinda de Cristo e que começou a guardar o sábado do sétimo dia em 1832.² Nos Estados Unidos, Rachel Oakes, mais tarde Sra. Preston, guardava o sábado desde 1837 e aceitava a crença de que a segunda vinda de Cristo ocorreria em 1844.³

Froom inclui em sua fascinante galeria um precursor sul-americano do movimento adventista: Francisco Hermógenes Ramos Mexia.⁴ Minha pesquisa pessoal e contatos com seus descendentes me permitiram acrescentar pormenores significativos a este retrato curioso.

Ramos Mexia faleceu em 1828, 16 anos antes do desapontamento experimentado pelo movimento adventista, nos Estados Unidos. Morreu como guardador do sábado e crente na segunda vinda de Cristo. Isto certamente o qualifica a ser chamado o primeiro Adventista do Sétimo Dia, pelo menos nas Américas.

Francisco Ramos Mexia nasceu em Buenos Aires em 20 de novembro de

1773. A região sul da América do Sul, da qual Buenos Aires era a capital, era conhecida como a vice-realeza do Rio da Prata, governada pela monarquia espanhola. O sétimo numa família abastada de 13 filhos, Francisco demonstrou um vivo amor pela Natureza e afinidade com coisas espirituais. Sua educação incluía teologia, gramática e lógica, tudo sob tutores católicos. As qualidades de probidade e vigor

Juan
Carlos
Piora

Francisco Ramos Mexia

O primeiro adventista moderno?

provavelmente herdadas de seu avô materno, escocês protestante, e a disciplina para o estudo inculcada cedo em sua vida, fizeram com que Francisco não aceitasse coisa alguma como verdadeira a menos que ele mesmo tivesse a oportunidade de examiná-la sob todos os ângulos.

Depois de completar os estudos no Colégio Real de San Carlos, uma instituição jesuíta de sua terra natal, Mexia entrou no serviço do governo em 1797 no distrito de La Paz, agora parte da Bolívia. La Paz era uma cidade de cultura, e era a sede da Universidade de San Francisco Xavier. Aí Mexia esteve sob a influência de alguns dos mais inteligentes monges franciscanos e jesuítas. O clima liberal da universidade e as amizades que ele fez ajudaram Mexia a ampliar seu conhecimento de filosofia, teologia e lógica. Começou





“Los Tapiales”, próximo a Buenos Aires, foi a residência principal de Francisco Ramos Mexia de 1808 a 1828.

também a mostrar simpatia pelos índios, o grupo social explorado na época.

La Paz deu-lhe sua esposa: em 1804 casou-se com Maria Antônia de Seguro, filha do governador da cidade. Depois da morte do primeiro filho em La Paz, o casal mudou-se para Buenos Aires, onde criou uma grande família.

Ramos Mexia, o patriota

Francisco amava a Natureza, gastando horas fiscalizando o trabalho em suas terras e observando as maravilhas da Criação nos vastos *pampas* da terra que agora é a Argentina. Criou gado, construiu uma leiteria, cultivou vegetais, fez pão e queijo, e cuidava de sua propriedade extensa. Fez também amizade com os índios e freqüentemente defendia sua causa. Com efeito, contrariamente ao costume, comprava terra dos índios em vez de tomá-las pela força. Esta atitude insólita

freqüentemente o punha em dificuldade com as autoridades. Mas justiça e paz eram parte das convicções de Mexia, e ele procurava praticá-las em sua vida.

Assim em sintonia com a Natureza e promotor da dignidade humana, Mexia era tanto patriota quanto reformador. Como patriota na Argentina nascente, envolveu-se em muitas causas nacionais. Agora que a região procurava escapar da tutela espanhola, ele apoiou a causa da pátria e foi membro de uma força expedicionária que em 1810 percorreu a região norte do país.⁵

No mesmo ano entrou no conselho municipal de Buenos Aires, que o nomeou Defensor das Crianças.⁶ Em 1820, como representante de dezesseis índios *pampas*, Mexia assinou o Tratado de Paz de Miraflores com o governo de Buenos Aires.⁷ Um ano depois as autoridades romperam os termos de paz, atacaram os *pampas* e chegaram a prender seu protetor, Ramos Mexia. Confinado pelo governo à prisão domiciliar por vários anos, Mexia morreu vítima de uma epidemia e de espírito quebrantado em 5 de março de 1828. Tinha 54 anos.

Ramos Mexia, o reformador

A vida não é quanto se vive, mas qualidade. Ramos Mexia viveu tão bem que não só influenciou sua geração mas também as gerações vindouras. Era homem de ação e profundamente religioso. Passava horas ponderando sobre o trato de Deus com Seu povo no passado e Seus planos para o futuro. As influências teológicas recebidas em sua juventude nunca o abandonaram. Estudava regularmente sua Bíblia latina, fazendo anotações nas margens.⁸ Por ocasião de seu casamento já possuía “uma consciência religiosa marcante”.⁹

Um autor que influenciou Mexia em matéria de profecia bíblica foi Manuel Lacunza (1731-1801), jesuíta chileno. Lacunza tornou-se conhecido por sua obra sobre a segunda vinda de Cristo, que marcou época, por ele escrita quando exilado na Itália. Seu livro *The Coming of the Messiah in Glory and Majesty* circulou em partes por volta de 1780 através da Europa e das Américas, e foi publicado em forma de livro postumamente.¹⁰

Mexia estava tão interessado no livro que copiou o original. Mais tarde adquiriu a edição em quatro volumes que havia sido impressa em Londres em 1816, e fez longas anotações nas margens. Estas revelam que enquanto Lacunza ainda muito devia a sua formação teológica católica, Ramos Mexia partilhava muitas das idéias dos reformadores protestantes.

O primeiro adventista moderno?

Vivendo no meio de rápidas mudanças políticas em sua terra natal, Mexia via na próxima vinda de Jesus à Terra sua melhor esperança. Seu profundo estudo da Bíblia resultou mais tarde em uma declaração ao povo da Argentina. O breve tratado (“The Gospel That Is Represented Before the Nation by the Citizen Francisco Ramos Mexia”¹¹) e outro folheto (“The ABC of Religion”) publicado em 1820, defendiam opiniões teológicas que eram surpreendentes para o lugar e a época. Eis algumas das verdades que ele sustentava pela Bíblia e promovia pessoalmente:

1. A Bíblia é a única fonte de fé e doutrina.
2. Deus é Criador e Soberano.
3. Jesus Cristo e os apóstolos são o único fundamento verdadeiro da igreja cristã.
4. Os Dez Mandamentos, incluindo o quarto, são obrigatórios para os cristãos. Ramos Mexia guardou o sábado do sétimo dia desde que o descobriu até sua morte. Fechava seus negócios no sábado.
5. A segunda vinda de Cristo é literal e iminente.
6. O estado dos mortos é de decomposição, enquanto aguardam a ressurreição na segunda vinda de Jesus.
7. A salvação é pela fé em Cristo somente.
8. O batismo é por imersão.
9. A transubstanciação não tem base bíblica.
10. A Bíblia ensina o sacerdócio universal dos crentes.
11. Adoração de imagens é contrária ao ensino bíblico e deve ser rejeitada.

As publicações religiosas de Ramos Mexia provocaram uma represália imediata. O governo provincial ordenou-lhe “parar de causar distúrbios contra a ordem pública, sua família e sua reputação pessoal.”¹² A ordem do governo resultou de uma denúncia feita por Valentin Gomez, um clérigo católico de influência. A denúncia dizia que Ramos Mexia não só guardava o sábado em sua casa, mas também persuadia outros, inclusive os empregados em sua propriedade e os índios, que tinham procurado sua proteção, que o fizessem. O fato de ele ser um leigo e ousar tratar de questões doutrinárias publicamente sob uma perspectiva bíblica, era considerado heresia.

Ramos Mexia, naturalmente, não obedeceu à advertência. Ao contrário, continuou a obedecer a Deus, lendo porções da Bíblia à gente de sua fazenda e protestando contra os maus-tratos dos índios. Como o apóstolo Pedro, em matéria de fé e consciência, Mexia afirmava: “Antes importa obedecer a

Deus do que aos homens” (Atos 5:29). Com esta convicção, o primeiro Adventista do Sétimo Dia morreu na firme esperança da segunda vinda de Cristo. □

Juan Carlos Piora leciona Historia na Universidad Adventista del Plata, na Argentina. Tem publicado dezenas de artigos e dois livros: La naturaleza del hombre y el fin de la historia (1992) e El nuevo orden mundial y el fin de la historia (1994).

Notas e Referências

1. LeRoy Edwin Froom, *The Prophetic Faith of Our Fathers* (Washington, D.C.: Review and Herald Publ. Assn., 1950-1954), 4 vols.
2. Idem, vol. 4, págs. 937-940.
3. Idem, págs. 948-950.
4. Idem, págs. 920-936.
5. *Gazeta de Buenos Ayres*, 5 de julho de 1810.
6. *Acuerdos del Extinguido Cabildo de Buenos Ayres*, 17 de outubro de 1810.
7. *Gazeta de Buenos Ayres*, 12 de abril de 1820.
8. Infelizmente, esta Bíblia não mais existe. Uma das netas de Francisco Ramos Mexia jogou-a no fogo. Ver Clemente Ricci, “Destrucción de un documento histórico: La Biblia anotada de Ramos Mexía entregada a las llamas”, *Boletín de Investigaciones Históricas de la Facultad de Filosofía y Letras de la Universidad de Buenos Aires*, vol. II, pág. 31.
9. Clemente Ricci, *Francisco Ramos Mexía: Un heterodoxo argentino como hombre de genio y como precursor* (Buenos Aires: Imprenta Juan H. Kidd y Cía., 1923), pág. 31.
10. Ver Abel Chaneton, *En torno a un papel anónimo del siglo XVIII* (Buenos Aires: Publicaciones del Instituto de Investigaciones Históricas de la Facultad de Filosofía y Letras de la Universidad Nacional de Buenos Aires, 1928), pág. 23. Ver também Sérgio Olivares, “Manuel Lacunza: a Conexão Adventista”, *Diálogo* 6:1 (1994), págs. 12-15.
11. O documento foi publicado integralmente pelo historiador Clemente Ricci sob o título: *En la penumbra de la historia*. Ver também *La Reforma*, Dezembro de 1913, para outros documentos sobre Francisco Ramos Mexia.
12. “National Government: Cult (1819-1821)”, um documento dos Arquivos Nacionais da Argentina, uma cópia do qual está em mãos do autor.



Ramos Mexia morreu em 1828, em um dos quartos desta torre, em “Los Tapiales”. (Fotos do autor.)

Podemos dançar? Sim, diz a maioria da juventude adventista interrogada na América do Norte. Não, diz a maioria dos adultos.

O estudo *Valuegenesis*, patrocinado pela Divisão Norte-Americana, confirma esta dicotomia em atitudes entre membros jovens e adultos.¹ Uma parte dessa pesquisa tratou do modo em que a juventude adventista vê questões de estilo de vida. Pela análise de fatores, os pesquisadores descobriram que estas questões compreendiam três grupos. O primeiro grupo, chamado “Drogas”, tratou de normas da igreja sobre drogas ilegais, tabaco, cerveja, álcool e vinho. O segundo

que os diretores, professores, pais e jovens (ver o gráfico).

Considere o cinema, por exemplo. De acordo com este estudo, a maioria dos adventistas na América do Norte vai ao cinema e somente 18 por cento da juventude adventista diz que ser adventista subentende não freqüentar cinema.² Com o comportamento tendendo a se tornar um hábito, ordenar uma mudança provavelmente exacerbará o problema em vez de corrigi-lo. O melhor caminho é um estudo cuidadoso, reflexão reverente e diálogo aberto.

Princípios e aplicações

Talvez devêssemos começar com uma distinção entre princípios e aplicações. Sempre que há confusão sobre um princípio e sua aplicação, há necessariamente desacordo sobre normas e estilo de vida. Princípios são eternos e transcendem culturas. O que é verdadeiro para uma geração ou grupo de pessoas é igualmente verdadeiro para outro. Por exemplo, a maioria em quase todas as culturas através da história teve a modéstia em alta estima. A modéstia é um princípio.

Mas princípios são conceitos teóricos. Precisam ser vividos e aplicados à vida real. Tais aplicações requerem interpretação do princípio, e interpretações podem mudar de uma geração para outra, e de uma cultura para outra. Por exemplo, uma geração pode considerar um estilo de roupa de banho imodesto, ao passo que outra geração, não. Ambas as gerações podem concordar com a importância do princípio de modéstia, mas discordar quanto à aplicação do princípio. Uma cultura pode considerar andar descalço em público como imodesto, ao passo que outra nada vê de errado.

Embora seja possível que algumas aplicações de princípios sejam as mesmas de geração em geração ou de uma cultura a outra, não devíamos esperar que este seja o caso, especialmente numa sociedade pluralística na qual mudança parece ser a única constante.

Muitos adventistas têm dificuldade em distinguir entre princípios bíblicos e aplicações. É como se durante gerações aprenderam e memorizaram aplicações específicas de princípios bíblicos sem jamais dar-se conta dos princípios que jazem à base dessas aplicações. Se perguntarmos a tais adventistas por que insistem em uma aplicação particular, talvez não possam dar uma resposta convincente. O resultado? Assumir a defensiva ou abandonar práticas antes aceitas.

Podemos Dançar?

Uma base para nossas normas de estilo de vida

Steve Case

grupo, “Cultura Adventista”, incluía normas próprias dos adventistas — tais como a observância do sábado, carnes imundas, exercício diário, sexo somente dentro do casamento, e vestuário modesto. O terceiro, “Cultura popular”, incluía jóias, bebidas cafeinadas, música rock, dança e freqüência ao teatro.

A pesquisa revelou que a maioria da juventude adventista cria firmemente nos dois primeiros grupos, mas só uma minoria cria no terceiro. Os pais obtiveram notas melhores, mas questionaram as mesmas normas que os jovens. Professores adventistas revelaram a mesma tendência. Diretores de escolas tiraram notas um pouco mais altas que os professores, mas mostraram atitude semelhante. Os pastores obtiveram a nota mais alta de todos os grupos, mas revelaram a mesma tendência, mostrando que eles questionam as mesmas normas

Porque os tempos mudam, as aplicações de uma geração podem ser inadequadas para a geração seguinte. Contudo, o princípio bíblico devia permanecer firme. Muitos membros querem respostas atalhas. Reclamam critérios fáceis para a aplicação. Por exemplo, querem saber se certo grupo musical, ou mesmo um canto pelo grupo, é aceitável para adventistas. Um simples “Sim” ou “Não” pode ser rápido, mas dificilmente leva a uma decisão cuidadosa baseada em princípio. É mais provável que os que levantam a questão comparem a opinião pessoal deles com a aplicação verbal sua. Como resultado, você pode ser pego discutindo sobre a aplicação em vez de ir à raiz da questão, que é o princípio.

Liberdade e flexibilidade

Permitir flexibilidade nas aplicações exige uma tolerância que poucos estão dispostos a permitir. A razão é dupla. Primeira, liberdade de aplicação pessoal é uma ameaça à imagem de unidade que queremos preservar como um movimento religioso mundial. Segundo, tal liberdade transfere o foco de atenção de questões externas para motivos internos. Permitir liberdade e flexibilidade de estilo de vida pode ser perigoso — mas não fazê-lo pode ser ainda mais perigoso.

Em que idade deveriam os jovens ter essa liberdade? Normalmente, só depois do começo da adolescência quando a pessoa está madura para refletir — processo este necessário para compreender a dinâmica de princípios e aplicações. Portanto, pré-adolescentes precisam que se lhes explique as aplicações. Alguns jovens e adultos também podem precisar de tal orientação, uma vez que o pensamento abstrato não é garantido simplesmente porque uma pessoa passou da adolescência.

Sou adventista desde a infância. Contudo, só quando jovem adulto é que descobri que localizar um princípio bíblico atrás de uma questão de estilo de vida torna a sua aplicação muito mais abarcante do que a norma da igreja. Tenho também achado que algumas atividades específicas que eram tabu não eram necessariamente erradas, mas também que eu não podia participar em atividades que eram “aceitas” pela maioria. Era quase como se eu tivesse que escolher um estilo de vida do século XIX aceito pela igreja ou um estilo de responsabilidade para com Jesus em todas as áreas de minha vida hoje.

Alguns perigos

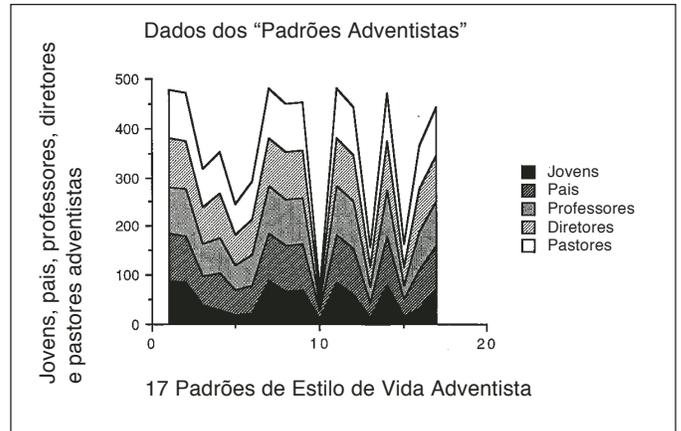
Em qualquer discussão de normas, precisamos de nos acautelar de alguns

perigos. Primeiro, a tendência de comparar-se com outros. A Bíblia diz que tais comparações são tolas (ver II Coríntios 10:12). A comparação nos encoraja a pensar que somos mais aceitáveis a Deus porque somos mais estritos do que outros em certos aspectos da conduta. Inversamente, podemos chegar a crer que não somos aceitáveis a Deus porque todos os demais parecem ser melhores. Alguns podem até descartar o adventismo na sua totalidade porque a conduta foi elevada ao *status* de princípio. Em todo caso, é imprudente usar questões de conduta como medida de espiritualidade. Embora ações sejam visíveis, os motivos íntimos essenciais para uma compreensão correta são frequentemente mal-interpretados.

O segundo perigo é a frustração da incoerência. É tão fácil mudar com a situação que perdemos de vista os princípios e valores que deviam guiar a decisão. Ir com a multidão exige pouca reflexão e disciplina própria. É possível focalizar um aspecto da conduta e negligenciar outros. Podemos dizimar a hortelã, o endro e o cominho, mas negligenciar a justiça, a misericórdia e a fé, como Jesus observou (ver Mateus 23:23, 24). Uma vez que tendemos atrair amigos que concordam conosco, raciocínio de grupo tende a nos fazer esquecer de nosso preconceito enquanto permanecemos com o mesmo grupo.

Terceiro, o perigo de excesso de confiança. Quando pessoas estão convencidas de que possuem a “verdade”, a certeza predomina. Uma atitude defensiva toma o lugar da tolerância. A menos que nossa compreensão da vontade divina continue a se desenvolver, nossas respostas não vêm ao caso. Isto significa que todos nós precisamos ser reciclados periodicamente, por assim dizer.

Uma reciclagem torna-se necessária durante a adolescência quando o raciocínio abstrato torna-se uma ferramenta utilizável. Para aqueles que cresceram dentro do adventismo, este primeiro processo de reciclagem pode ser penoso. Outro ponto neste desenvolvimento ocorre quando a pessoa começa a trabalhar em tempo integral. Com efeito, a vida inteira pode ser vista como etapas nas quais as perspectivas mudam e a pessoa precisa reajustar seu



pensamento como resultado de novas percepções de Deus e da vida. Alguns pensam que quando alguém dá seu assentimento à “verdade”, ele está selado para o resto da vida. Para uma criança que se batizou aos 12 anos, serão necessárias várias mudanças na compreensão de princípios e suas aplicações em sua marcha para a idade adulta. A menos que este processo de ampliar a compreensão se realize, aqueles que se batizaram aos 12 anos podem abandonar seu compromisso com Cristo antes de chegar à idade adulta. Diálogo e relacionamento com adultos respeitados e colegas maduros são ingredientes vitais no processo de amadurecimento.

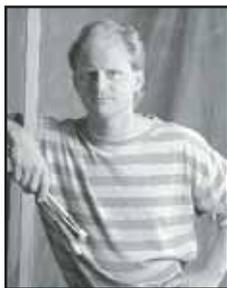
O quarto perigo é o medo de que sem regras específicas ou restrições, as pessoas perderão o controle. Pais e outras pessoas responsáveis pelos jovens se esforçam para identificar as áreas nas quais a liberdade deve ser cerceada. Adultos que procuram proteger jovens tendem a fazer escolhas para eles. Tal ação, mesmo se feita por amor, impede os jovens de amadurecer, e pode até levá-los a pensar que vivem em “escravidão”. Adultos precisam de sabedoria especial para remover restrições à medida que os adolescentes entram na idade adulta. A melhor proteção que os adultos podem dar aos jovens é a capacidade de tomar decisões baseadas na Bíblia, numa atmosfera de amor e respeito. A liberdade precisa ser acompanhada de responsabilidade. Assim se prepararão para a idade adulta, quando farão decisões a sós, independentemente do que pais ou superiores exigem.

O quinto perigo em tratar com questões de estilo de vida é de que a discussão mesma se torna central,

Continua na pág. 29

Nathan Greene

Diálogo com um Desenhista Adventista



Nathan Greene ainda está nos começos de sua carreira como desenhista. Mas, com apenas 30 e poucos anos, ele já trabalhou para clientes famosos como a National Aeronautics and Space Administration (NASA), *Christianity Today*, *Focus on the Family*, *World Book Encyclopedia* e National Wildlife Federation — entre outros de uma lista sem fim.

Mas, com a afirmação de sua carreira e o aumento da demanda de sua arte, nasceu um novo foco que reflete sua maturidade como artista e seu compromisso como cristão. Nos últimos anos, ele tem sido admirado por sua habilidade para pintar Cristo envolvido de forma ativa na vida contemporânea.

Nasceu e cresceu no Estado de Michigan, nos Estados Unidos, terminou o segundo grau no Cedar Lake Academy em 1979, estudou na Andrews University e na American Academy of Art, em Chicago. Iniciou sua carreira como desenhista em Chicago, mas escolheu viver no campo e mudou

sua família e ateliê para a região rural de Eau Claire, Michigan, sete anos atrás.

Nathan é um homem de família. Ele trabalha num ateliê no porão de sua casa e descansa de seu constante trabalho correndo cinco a dez milhas por dia e brincando com seu filho, Tommy, e sua filha, Bonnie. Mais de uma vez, sua família foi usada como modelo para suas pinturas.

■ *Quando você percebeu que se tornaria um artista?*

Eu desenhava o tempo todo quando tinha quatro ou cinco anos. Durante o período escolar, eu sabia que gostaria de ser artista ou médico. Meus pais me colocaram numa classe de arte particular com minha professora do primeiro ano, a Srta. Kilstrom, que era muito boa artista. Ela me ensinava arte e desenho uma noite por semana durante dois anos. Como sempre me interessei por medicina e arte, além de desenhar também fazia maquetas de anatomia humana. Cheguei a usar livros

antigos de enfermagem da minha mãe, tentando copiar as ilustrações de diferentes crânios e ossos.

■ *A carreira artística pode ser considerada uma escolha vocacional não-tradicional. O que orientou as suas escolhas e o que lhe deu a confiança de dedicar-se à arte?*

Quando Deus lhe dá um talento e se esse talento é suficientemente forte, você não pode impedi-lo e deve deixar que ele o guie sobre a escolha a fazer. Acho que se você ignora esses talentos principais, talvez nunca mais esteja em paz consigo mesmo ou satisfeito com sua vida. Há outras coisas que gostaria de fazer, mas sinto que essa é a que eu deveria fazer.

■ *Quão importante foi o exemplo de outros para suas decisões profissionais?*

Muito importante. Fui muito influenciado por Harry Anderson, um dos artistas cristãos que ilustrou os livros *As Histórias da Bíblia*. Um amigo me levou

ao seu encontro quando tinha dezessete anos. No mesmo instante percebi que ele era um homem de Deus. Harry é o tipo de pessoa que você encontra e deseja imitar. Admiro especialmente sua habilidade de pintar com uma quantidade mínima de pinceladas. Também meus pais têm sido maravilhosos exemplos de vida por causa de seus princípios e convicções.

■ *Ao estar num processo de criação, existe um momento mágico quando você diz: “Sim, foi por isso que me tornei um artista”?*

Existem muitos momentos mágicos e muitos momentos não mágicos também! Por exemplo, na pintura “Chefe do Pessoal Médico”, tudo deu certo. Existem ocasiões em que pinto e tudo se encaixa. Outras vezes, tenho que pelear com um desenho. Eu não sei o que faz a diferença. Talvez esteja relacionado com a mistura da experiência, inspiração e motivação, todas ajustadas num só ponto. Claro que ninguém pode manter um nível de energia criativa alta o tempo todo. Quando estou no meio de uma pintura, posso trabalhar de 18 a 20 horas seguidas. Faço isso em

parte para ter coerência criativa e em parte por causa do tempo de secagem limitado das tintas que utilizo. Mas quando termino um desenho, geralmente descanso e dedico tempo a minha família por vários dias antes de começar outro projeto.

■ *Qual é o tema de seu trabalho?*

Não é difícil identificar o tema agora. Entretanto, nos primeiros oito ou nove anos de minha carreira como desenhista, fiz muitos tipos de projetos diferentes para os clientes. Mas agora me dedico principalmente à arte cristã, especificamente desenhando Cristo. Agora tenho a mesma oportunidade de fazer o que os escritores, músicos e pastores cristãos fazem — retratar o caráter de Deus por meio de seus talentos. Espero que minha arte dê às pessoas a impressão de um Deus gentil, amoroso e compassivo. Creio que quando você comunica o que Deus realmente é, você está colaborando no grande conflito entre Cristo e Satanás. E isso é toda a questão, não é? É Deus bom, justo e digno de ser obedecido? Creio que Ele o é, e tento dar minha contribuição para que essa mensagem seja conhecida.

■ *O que nutre a sua espiritualidade e, conseqüentemente, a de seu trabalho?*

O sábado, uma das maiores bênçãos de um adventista. Deus nos deu o sábado porque sabia que tentaríamos encaixar atividades demais em nossas vidas. Também aprendo de pessoas como Mark Finley e Graham Maxwell. Ouço várias de suas fitas enquanto trabalho. Quando pintava “Chefe do Pessoal Médico”, ouvi várias fitas da classe da escola sabatina de Graham Maxwell na igreja da Universidade de Loma Linda. O Dr. Maxwell fala muitas vezes a respeito da responsabilidade sem igual dos médicos em testemunhar sobre o caráter de Deus.

■ *Quais são seus maiores desafios e lutas?*

Acho que pintar Cristo é um dos meus maiores desafios. Ponho muita pressão sobre mim mesmo quando o faço, porque é uma tremenda responsabilidade. Quem sabe realmente como Ele é? Gostaria de sabê-lo. Tudo que posso fazer é basear minha pintura na melhor evidência histórica disponível. Em comparação, outros temas são fáceis. Quando pintei o quadro de Cristo para o programa de televisão “Está Escrito”, preocupei-me bastante. Minha primeira tentativa de

pintar o rosto de Cristo levou dezoito horas. Mas não gostei do resultado. Levantei-me na manhã seguinte, apaguei o que havia feito, tirei o dia livre e tentei novamente no outro dia. O próximo rosto me tomou vinte horas e, dessa vez, o mantive. Ao pintar as mãos de Cristo, tornei a pintar uma delas três vezes e a outra, duas. Sinto ser minha responsabilidade fazer cada pintura melhor que a anterior. Acho que ninguém deveria acostumar-se a fazer um trabalho medíocre. Se você se esforça buscando a excelência, receberá a recompensa.

■ *O que faz Nathan Greene funcionar?*

Patty, minha esposa, me ajuda muito. Ela organiza meu trabalho e me lembra das coisas porque os artistas são famosos por serem distraídos. Patty mexe com a correspondência e a contabilidade. Ela é também meu melhor crítico. Embora ela não tenha preparação como artista, Patty aprendeu a realmente entender o trabalho artístico que faço. Ela pode descobrir coisas que eu mesmo não vejo porque olhei fixamente a tela por tanto tempo. A família é muito importante para mim. Eu não seria uma pessoa tão feliz sem minha família.

■ *Que conselho você daria aos artistas jovens e/ou àqueles que seguem carreiras no ramo das vocações criativas?*

A prática é muito importante. Ser artista é como ser músico. Se você deseja ser um bom violinista, deve praticar. Se você deseja ser um excelente violinista, deve praticar mais ainda. Outra sugestão para um artista jovem é que não imite os outros, mas pinte o que venha naturalmente. Harry Anderson me deu este conselho. Mas acho que é possível aprender muito estudando os outros. Também motivaria os artistas jovens a aprender os fundamentos da arte primeiro, a importância das destrezas técnicas e, então, a criatividade virá. Isto é especialmente importante se você deseja ser desenhista.

■ *O que espera de seu trabalho no futuro?*

Gostaria de continuar o que faço agora, ou seja, desenho cristão. Claro que espero melhorar nisso com cada imagem

que desenho. Houve um tempo em que a NASA, a National Wildlife Federation e especialmente a National Geographic Society foram exemplos de clientes com os quais queria trabalhar. Naquela época, eu achava que desenhar para editores cristãos era de menor importância. Eu não compreendi seu verdadeiro valor até recentemente quando mudei minha maneira de pensar. Meu objetivo principal não deve ser fazer trabalhos para editores de prestígio, senão criar arte que retrate o caráter de Deus de maneira positiva, o que pode ter conseqüências eternas.

■ *Como você relaciona essa nova visão com os seus últimos trabalhos?*

Sempre penso nisso desde que faço desenhos de Cristo para aqueles que tratam de prover serviços de saúde. Quando as pessoas entram num hospital, geralmente estão passando por uma etapa difícil de sua vida. Nesse preciso momento, elas estão muito mais propensas a pensar seriamente sobre o significado da vida e no rumo de sua própria vida. Que melhor momento para um sermão na parede? É por isso que muitas vezes comparo meu trabalho de pintar com o de um pregador. A diferença é que uso uma imagem em vez de palavras. Muitas pessoas que chegam a um hospital talvez nunca entrem numa igreja, escutem um sermão ou levem a fé seriamente. Para mim é emocionante pensar que alguém pode ser influenciado positivamente pela minha arte. □

Entrevistado por T. Lynn Caldwell

T. Lynn Caldwell ensina no Departamento de Comunicações da Universidade Andrews, em Berrien Springs, Michigan, E.U.A.

Grace Emori

Diálogo com uma Epidemiologista Adventista



Nascida na Califórnia, Grace Emori esteve entre os 120.000 nipo-americanos que foram internados pelos Estados Unidos durante a II Guerra Mundial. Depois da liberação de sua família em 1943, Grace estudou em escolas adventistas no sul da Califórnia. Ela recebeu seu diploma universitário e de mestrado em enfermagem da Universidade de Loma Linda.

A Srta. Emori é atualmente uma epidemiologista no Centers for Disease Control and Prevention (CDC) — ou seja, Centro para Controle e Prevenção de Doenças — em Atlanta, Geórgia. Ela é um oficial autorizado do Serviço de Saúde Pública dos Estados Unidos e possui graduação equivalente à de capitão da Marinha. Ela trabalhou no Centro Médico da Universidade de Loma Linda e lecionou no Atlantic Union College, em Massachusetts.

A Srta. Emori recebeu vários reconhecimentos, incluindo o de Ex-Aluna do Ano da Universidade de Loma Linda, em 1992. Devido a sua dedicação e prioridades, Emori ganhou o respeito de seus companheiros e amigos.

■ *Sua infância sucedeu durante a II Guerra Mundial, um período difícil para os nipo-americanos nos Estados Unidos. Como se sente em relação àqueles dias?*

Sou japonesa de terceira geração. Com a chegada da guerra, o governo dos Estados Unidos sentiu temor que as pessoas de ancestrais japoneses simpatizassem com o Japão. Sem qualquer acusação criminal específica ou julgamento, perdemos nossas liberdades civis e fomos retirados forçosamente de nossos trabalhos e casas. Em 1941, nossa família foi levada da Califórnia para um campo de confinamento em Arkansas. Ali, a cada família se designou um quarto em quartéis construídos apressadamente. Para que houvesse mais privacidade, esticamos arames e neles penduramos lençóis para criar pequenos quartos separados. Comíamos em refeitórios desorganizados com outras famílias e compartilhávamos os banheiros e chuveiros. Eu tinha apenas seis anos naquela época, mas recordo que nós, crianças, nos divertíamos muito. Era como se fosse um acampamento de férias — só que no ano todo e por três anos inteiros! Íamos à escola lá, e ainda me lembro do nome da minha professora da primeira série — a Srta. Jones.

■ *Cinquenta anos depois do confinamento, os Estados Unidos providenciaram uma indenização aos internados nipo-americanos. Você esteve entre os beneficiados por essa determinação.*

Não somente eu, senão todos da minha família receberam US\$20.000 cada um como parte da indenização. Deus tem sido bom para nós, e era muito dinheiro para gastar apenas com nós mesmos. Nós seis decidimos fazer algo especial com esse dinheiro, de forma que pudesse ter valor duradouro. Concordamos em criar uma bolsa de estudos para a Faculdade de Enfermagem da Universidade de Loma Linda. Houve outra razão para criar o Fundo de Doação Emori. Todos nós estudamos nas escolas da igreja desde o primeiro grau e fomos beneficiados pela educação adventista. Não tínhamos muito dinheiro e o estipêndio era caro, mas, mesmo assim, todos nós terminamos a universidade. Queríamos dizer um “muito obrigado” a todos aqueles que nos ajudaram. Como uma família, queríamos proporcionar um caminho para as gerações futuras.

■ *Que lindo! Antes de falar sobre sua carreira de enfermagem, conte-nos sobre sua família. Há quanto tempo são adventistas?*

Minha mãe e seu irmão se tornaram adventistas quando tinham cerca de 20 anos.

Tudo começou quando um colportor bateu à porta da casa onde moravam. Meu pai não é adventista, mas sempre nos apoiou para irmos à igreja e às escolas da igreja. Ele é um fazendeiro muito trabalhador e um bom pai para mim, minha irmã e meus dois irmãos.

Minha irmã mais velha, Helen, trabalha há dez anos como diretora do Departamento de Enfermagem da Universidade de Loma Linda. Walter, meu irmão mais velho, é médico em Oregon e se interessa especialmente na melhoria dos serviços médicos na Rússia. Ele trocou várias correspondências com Alexander Solzhenitsyn e estabeleceu um hospital para reabilitação de crianças na cidade natal desse escritor russo. Meu outro irmão é um homem de negócios que trabalha como agente de vendas de computadores, também em Oregon. Todos nós participamos ativamente na igreja adventista.

■ *Quem exerceu maior influência em sua vida?*

Em primeiro lugar, meus pais. Com seu exemplo e disciplina, eles nos ensinaram o significado de integridade absoluta, o cuidado dos membros da família e do nosso próximo, o viver de forma simples e o valor do trabalho. Eles nos ajudaram a definir quem somos. Depois deles, três pessoas: Dr. Frederick Hoyt, meu professor da oitava

série e primeiro científico; Dra. Maureen Maxwell, diretora-associada do programa de mestrado em enfermagem; Dr. Harvey Elder, meu supervisor no Centro Médico da Universidade de Loma Linda. Eles me deram valor como pessoa, me ajudaram a desenvolver um sentido de propósito e me ensinaram as habilidades necessárias para alcançar meus ideais.

■ *O que a levou a escolher sua carreira?*

Na minha época, as opções profissionais de uma moça adventista típica eram enfermagem, educação e secretariado. Escolhi enfermagem e tem sido uma carreira muito satisfatória para mim. Trabalhei em enfermagem no cuidado direto do paciente e na área educacional. Gostei do que fiz, mas minha paixão é a epidemiologia. Fui a enfermeira epidemiologista do programa de controle de infecções do Centro Médico da Universidade de Loma Linda por seis anos antes de aceitar o cargo no CDC. Ao ser convidada a trabalhar no CDC, fiquei pensando se me adaptaria à mudança de uma instituição religiosa a um ambiente secular. Mas não tive problemas porque meus supervisores respeitam meu compromisso religioso e meus companheiros são pessoas compassivas e atenciosas.

■ *Qual é a sua função no Centro para Controle e Prevenção de Doenças?*

O CDC é uma agência do Serviço de Saúde Pública dos Estados Unidos cuja missão é promover a saúde e prevenir as enfermidades. Este centro é famoso por sua aplicação da epidemiologia — ou seja, o estudo das condições que afetam a saúde da população. Tentamos identificar os fatores que causam essas condições e, então, desenvolvemos programas preventivos. Eu contribuo para que os hospitais entendam e previnam as infecções associadas aos hospitais. Depois de recolher dados dos hospitais do condado, nós analisamos e damos um informe para aqueles que elaboram planos de ação no governo, na indústria e nas áreas de cuidado da saúde.

■ *O que você mais gosta de fazer no seu trabalho?*

Gosto de desenvolver novos métodos de aplicação dos dados epidemiológicos para o melhoramento da qualidade do cuidado do paciente. A melhor parte é conversar com os provedores de serviços de saúde sobre como usar os dados para tomar decisões em relação ao controle das infecções e depois ver sua satisfação quando tudo se encaixa.

Embora esteja qualificada para me aposentar por ter vinte anos de serviço no CDC, continuarei trabalhando porque não desejo perder os programas novos e desafiantes que estamos desenvolvendo.

Diálogo 6:2 — 1994

■ *Se pudesse mudar de profissão neste exato momento, que escolheria?*

Escolheria enfermagem novamente, sem qualquer vacilação. Mas além do meu trabalho, gosto de fazer reuniões de pessoas. Não há coisa que goste mais do que reunir colegas do trabalho e amigos da igreja para desfrutar de uma refeição vegetariana. Sempre pedimos as bênçãos de Deus para os alimentos. Isso produz um ambiente ótimo para que se conheçam e aprendam a apreciar uns aos outros. Uma boa carreira seria a de dietista, mas acho que nela você tem que se preocupar demais para fazer uma comida nutritiva.

■ *Que conselho daria aos jovens adventistas interessados em estudar enfermagem?*

Os jovens, tanto homens como mulheres, que pretendem trabalhar na área de enfermagem devem obter o nível de educação mais elevado possível. Não devem ficar satisfeitos com um curso de auxiliar ou um diploma de enfermagem. Graus mais avançados prepararão melhores enfermeiros para fazer frente aos desafios de um sistema de serviço de saúde em rápida mudança. Como a hospitalização é cara, o número de pacientes internados está diminuindo. Os hospitais estão se reduzindo e tornando-se uma única unidade de cuidado intensivo que requer poucos enfermeiros, os quais devem ser altamente habilitados em técnicas de cuidados críticos. Está em aumento o número de pacientes que recebem cuidados em suas próprias casas por enfermeiros profissionais. Isso requer um toque especial. A filosofia adventista prepara jovens para atender essa necessidade.

■ *Você tem oportunidade de compartilhar sua fé com seus companheiros?*

Tenho o privilégio de trabalhar com homens e mulheres especialmente habilitados em sua profissão. Mas como todos nós, eles têm problemas pessoais e passam por crises. Infelizmente, muitos deles são indiferentes à religião ou não acreditam que Deus existe. Quase todos sabem que sou adventista e que Deus é o centro da minha vida. Geralmente sou a pessoa em quem eles buscam apoio quando passam por momentos difíceis. Considero esses momentos como meu presente para as pessoas especiais com quem trabalho.

■ *Como você alimenta sua vida espiritual?*

Faço-o por meio do culto pessoal e com a família da igreja. Estou aprendendo mais

sobre a importância da meditação — ouvir ativamente a voz de Deus. Estamos constantemente distraídos pelas exigências do nosso viver e é fácil não dedicar um momento tranqüilo para perceber a vontade de Deus para nós cada dia. O que estamos perdendo! Para mim, o culto inclui não somente participar das atividades de adoração no sábado de manhã, senão também alimentar a outros para ajudá-los a crescer na fé e pregar o evangelho em nossa comunidade. Tenho sido voluntária em asilos por quase dois anos e tenho andado a última milha com muitos pacientes terminais. A oração é preciosa para mim, para esses pacientes e suas famílias. É uma bênção ser parte da família de uma igreja que está viva e em crescimento, cuja missão é conhecer a Cristo e torná-Lo conhecido.

■ *Qual é o papel da oração em seu culto pessoal?*

Por muito tempo achei que a admoestação bíblica “Orai sem cessar” era pouco prática. Mas depois li algo que me ajudou a entender seu significado. Hoje em dia, oro silenciosamente por cada ser humano que encontro, pedindo a Deus que abençoe essa pessoa e satisfaça suas necessidades. Desta forma, eu não posso ser indiferente ou pessimista para com aquele que acabei de colocar nas mãos de Deus! Isso é emocionante porque significa que estou em associação ativa com Deus durante o dia todo.

■ *O que sente ao pensar em suas realizações?*

Gratidão e agradecimento. Deus é bom para comigo. Senti Sua bondade e Sua graça perdoadora. Estou agradecida a minha família e pelo apoio que eles me deram. O sistema educacional da igreja e o companheirismo que encontrei ali foram essenciais para mim. Tenho sido anciã da igreja por quase dez anos e essa responsabilidade tem-me ajudado a crescer espiritualmente. Aqueles que, como eu, trabalham num ambiente secular consideram a família da igreja duplamente importante como fonte de apoio e ânimo. □

Entrevistada por Alícia Goree

Alícia Goree é estudante do penúltimo ano de jornalismo e relações públicas no Southern College of Seventh-day Adventists, em Collegedale, Tennessee, E.U.A.



A maioria de nós tem observado que onde há uma superfície vazia num lugar público, alguém acaba escrevendo ali. Hoje é costume referir-se a este fenômeno como “grafite”. Quando eu era criança em Los Angeles, Califórnia, notei grafites pela primeira vez sobre as paredes exteriores de minha escola elementar. Havia também tais rabiscos nas paredes das sanitários.

Parecia que toda gente tinha algo a dizer sobre as paredes da comunidade.

Grafites em Nossos Corações

José V.
Rojas

Ao ficar mais velho, notei grafites de gangues em diferentes seções da cidade que serviam para demarcar territórios para cada grupo. No parque da cidade as mesas de piquenique eram entalhadas com frases de amor entre namorados.

Este assunto tem-me fascinado por muitos anos. Cheguei ao ponto que quando viajo por diferentes partes do mundo procuro os grafites nos lugares que visito. Outras pessoas fotografam palmeiras ou cenas de praia ou de montanhas. Gosto de dilatar meu conhecimento de uma comunidade lendo os grafites. Com efeito, grafites na maior parte das cidades e ilhas que tenho visitado em volta do mundo até se parecem, com apenas diferenças de língua.

Jovens são responsáveis pela maioria dos grafites que se vêem hoje. Na cidade de Los Angeles apenas, as

autoridades se queixam que grafites representam mais de 30 milhões de dólares cada ano em prejuízo à propriedade particular e pública. As autoridades têm conseguido declarar grafites como crime punível com multas, prisão ou ambos. Não é surpresa — certo ou errado — que artistas de grafites continuem a rabiscar as paredes para se expressarem.

Na procura de uma solução para o desafio dos grafites, as autoridades em algumas cidades têm mandado pintar bonitos murais em certas áreas públicas. Essas formas de arte mais bem organizadas tornam-se uma expressão oficial da cidade e lhe dão certo charme.

A idéia de escrever sobre paredes para expressar algo em público não é nova. Don Diego de Vargas, do exército espanhol, chegou ao território do Novo México há mais de 400 anos acompanhado de oito monges franciscanos. Depois de fincar a bandeira espanhola e declarar a área “Nova Espanha”, Don Diego e sua gente foi a um rochedo no local e ali inscreveram seus nomes, preservados na rocha até hoje. A rocha é conhecida como “rocha da inscrição” e atrai muitos turistas cada ano para ver os nomes gravados. Este grafite tornou-se valioso!

Não é preciso ir longe para notar que várias civilizações usaram grafites como registro oficial de suas realizações. Os babilônios, os egípcios e os romanos preservaram memoriais de batalhas, governantes, tratados e outros acontecimentos dignos de lembrança. As paredes, colunas e pinturas que deixaram são consideradas relíquias preciosas de momentos notáveis. Destruir esses exemplares raros desta antiga arte é considerado crime punível em alguns lugares com a pena capital.

Mais pessoas estiveram envolvidas em escrever grafites do que imaginamos. A Bíblia fornece vários exemplos nos quais Deus mesmo aparece escrevendo para o público. No livro de Daniel achamos o caso de uma festa que descambou (Daniel 5:25-28). O rei Belsazar desafiou a Deus enquanto bebia bebida forte dos vasos de prata tirados do templo de Salomão durante a destruição de Jerusalém. Subitamente uma mão foi vista escrevendo sobre a parede. Como a maior parte dos grafites,

ninguém sabia ler a escritura. O profeta Daniel foi chamado para ler e explicar a escrita para o rei. Deus estava pondo um ponto final ao reinado de Belsazar. Naquela mesma noite Babilônia caiu nas mãos dos medos e persas.

Noutra ocasião Deus escreveu sobre pedra e entregou as tábuas a Moisés. Nestas estava gravada uma definição vigorosa do amor. Os primeiros quatro mandamentos se referem ao amor a Deus, ao passo que os seis últimos mandamentos se referem ao amor ao próximo. Deus escreveu estes mandamentos sobre pedra como símbolo de uma relação eterna com Ele. Escreveu-os com Seu próprio dedo, para que ninguém duvidasse de sua origem.

Noutra ocasião, em contraste com a natureza imutável das tábuas de pedra, Jesus escreveu sobre a areia em resposta aos sacerdotes que exigiam que Ele julgasse uma mulher (João 8:1-12). Jesus poderia ter escrito sobre as paredes em frente do povo e assim desacreditar os líderes de Israel. Mas em vez disto, Ele escreveu mensagens pessoais na areia, de modo que somente os interessados pudessem lê-las e ver como precisavam de Deus. Jesus facilmente apagou tudo que escrevera naquele dia para o bem daqueles que Ele queria impressionar.

Penso que Deus gosta de escrever, porque estas experiências indicam que Sua escrita tem sido sempre de importância capital na vida humana. Mas há uma última ocasião em que gostaria de escrever. O apóstolo em Hebreus 8:10 refere-se a uma antiga afirmação feita por Deus: “Porque esta é a aliança que firmarei com a casa de Israel depois daqueles dias, diz o Senhor: Nas suas mentes imprimirei as Minhas leis, também sobre seus corações as inscreverei; e Eu serei o seu Deus, e eles serão o Meu povo.”

Deus deseja escrever no fundo de nossa vida a expressão máxima de amor. Sua lei não é apenas uma lista de deveres. Ao aprendermos a alegria de amar a Deus e ao próximo, descobrimos que é uma norma de vida. Este é um grafite que transforma a vida! □

José Vicente Rojas é o novo diretor de Ministérios Jovens e representante de Diálogo da Divisão Norte-Americana.

A Lição

Então Jesus tomou Seus discípulos montanha acima e reunindo-os a Seu redor os ensinou dizendo:

“Felizes são os que reconhecem ser espiritualmente pobres; o reino do Céu lhes pertence!

“Felizes são os que choram; Deus os confortará!

“Felizes são os mansos; eles receberão o que Deus prometeu!

“Felizes são aqueles cujo maior desejo é fazer o que Deus requer; Deus os satisfará plenamente!

“Felizes são os que tratam a outros com misericórdia; Deus os tratará com misericórdia!

“Felizes são os puros de coração; eles verão a Deus!

“Felizes são os que promovem a paz entre os homens; Deus os chamará Seus filhos!

“Felizes são os que são perseguidos porque fazem o que Deus requer; o reino do Céu lhes pertence!”

Então Simão Pedro disse: “Devemos pôr isto por escrito?”

E André disse: “Espera-se que saibamos isto?”

E Tomé disse: “Teremos uma prova sobre isto?”

E Filipe disse: “Que acontece se não nos lembrarmos?”

E Bartolomeu disse: “Temos que escrever a respeito disto e entregar?”

E João disse que somente ele e seu irmão Tiago tinham que aprender isto.

E Mateus disse: “Quando é que vamos sair daqui?”

E Judas disse: “Que é que isto tem que ver com a vida real?”

Um dos fariseus presentes pediu para ver o plano de lição de Jesus. Então os Doutores da Lei inquiriram sobre seus objetivos últimos nos domínios cognitivo e afetivo.

E Jesus chorou...

—Seleta



Acontece todos os anos — pelo fim do verão ou o começo do outono. Centenas de milhares de estudantes são transformados em calouros de universidades cheios de incerteza e saudades.

Infelizmente, milhares de cristãos entram na aventura de estudos superiores com um temor ainda mais profundo.

Segredos de Sobrevivência

Seis maneiras práticas para manter sua fé firme em meio dos rigores de um curso superior

Jay Kesler

Imaginem-se numa aula de biologia sobre a evolução, incapazes de defender sua crença na criação. Ou imaginam um professor de psicologia que nega o valor de culpa, ou uma classe de Religião na qual o professor discorda das interpretações do pastor de sua igreja. E em cada cenário, sentem-se incapacitados para defender o que crêem.

Dar-se conta disto pode ser arrasador. Sei, porque tenho conversado com muitos jovens que o expressaram, e porque eu mesmo o tenho experimentado. Às vezes senti como se Deus dependesse de minha defesa. Receava que minha fé não sobrevivesse ao ataque da erudição e de gente que sabia do mundo muito mais do que eu.

Mas com amadurecimento e tendo conversado com outros cristãos que abriram seu caminho através do matagal de um curso superior, começo a me descontraír. Desenvolvi seis princípios para sobrevivência intelectual — princípios que posso seguir com

confiança quando meus estudos levantam questões que não sei responder.

1. Lembre-se de que Deus e a verdade são sinônimos.

Muita gente aborda os estudos como se fossem andar através de um sertão hostil, com receio de tropeçar numa pedra e ver algo saltar e engolir a Deus. Deus não está em perigo. Não precisamos proteger Deus da verdade. Ele é a verdade.

Às vezes temos a impressão de que a “verdade de Deus” e a “verdade humana” são totalmente diferentes. São apenas diferentes quantitativamente — Deus sabe mais do que nós — mas qualitativamente são a mesma. A verdade é a verdade.

Os fatos são nossos amigos. Como cristãos não precisamos temer a verdade. Qualquer conflito entre “a verdade de Deus” e “verdade humana” resulta de não compreendermos uma ou ambas. Mas são uma e a mesma coisa.

2. Não faça Deus dizer coisas que Ele não diz.

Alguns dos conflitos aparentes entre “a verdade de Deus” e “verdade humana” resultam de atribuirmos mais a Deus do que Ele diz. Em outras palavras, é nosso erro, não Seu.

Um exemplo clássico é a história de Copérnico, que propôs a nova teoria de que os planetas revolvem em volta do Sol. A igreja insistia que sua idéia era uma heresia. Por seu estudo das Escrituras os teólogos de então tinham noções fortes sobre o lugar central do ser humano e a importância da Terra no Universo. Baseados nestas interpretações, denunciaram Copérnico e insistiram que os cristãos tinham de crer que Deus colocou o Sol em órbita em volta da Terra. Com sua interpretação fizeram Deus dizer algo que Ele não disse. Quando a verdade veio a ser conhecida, ela não destruiu Deus ou o cristianismo. Deus não estava errado — a interpretação humana de Sua Palavra é que estava.

3. Não faça a ciência dizer coisas que ela não diz.

Conheço muitos cristãos que estão aterrorizados com a ciência. Porque



alguns cientistas são ateus, esses cristãos pensam que a própria ciência é contra Deus. Cristãos que receiam a ciência ficam nervosos sobre a possibilidade de duplicar o que Deus fez. É como se eu receasse que ao produzir vida numa proveta, a ciência poderia dizer que Deus não criou a vida para começar. Para ver como isto é ilógico, considere esta analogia. Meu pai construiu uma casa. Eu o vi construí-la. Então eu construí uma casa. Portanto, meu pai não existe.

Esta lógica é inconsequente — para construir ou criar algo. No mínimo, a capacidade criativa do homem revela nossa afinidade com o Criador.

Precisamos também reconhecer que muitos dos problemas com os quais a ciência luta (incluindo a teoria da evolução) ainda são questões em debate, mesmo que alguns cientistas pensem o contrário.

4. Aprenda a suspender o julgamento.

Há muita coisa no mundo, no estudo da ciência, mesmo no estudo das Escrituras, que ainda não podemos compreender. Tenho achado útil cercar uma área de minha mente e rotulá-la “Julgamento em Suspensão”, onde ponho coisas sobre as quais não tenho suficiente informação para entendê-las. Por exemplo, ainda não compreendo o aparente conflito entre a idéia de um Deus de amor e desastres como terremotos e erupções volcânicas que destroem cidades inteiras. Essas tragédias parecem ser um argumento a favor de um mundo imperfeito e um sistema imperfeito.

Ainda luto com questões quando recebo uma nova intuição. Mas não permito que questões sem resposta me amofinem. Sei que um dia as compreenderei melhor. E posso desconstrair-me em vez de me afligir à procura de resposta.

5. Evite uma vida dividida em compartimentos.

Na tentativa de proteger sua fé, muita gente tenta dividir seu viver e seu pensar em duas partes — o lado secular e o lado espiritual. De um lado estão as verdades práticas: como instalar um aparelho sanitário, a psicologia da amizade, tendências políticas nos

Estados Unidos. E de outro lado há algo teórico chamado a verdade de Deus: fé, Escritura, espiritualidade.

É como se um monstro de verdade secular vivesse de um lado da mente, e receamos que ele vá devorar o coelhinho da verdade espiritual que mora num buraco do outro lado. Tentamos proteger o coelho mantendo-o longe do monstro.

Até dividimos escolas e matérias em categorias para permitir o ensino separado de verdade secular e espiritual.

O verdadeiro cristianismo toca o mundo a todo nível. Jesus ensinou que nossa fé afeta todas as áreas da vida. Assim não só desobedecemos Seu ensino quando dividimos nosso pensamento em dois níveis, mas também perdemos a oportunidade de fortalecer nossa fé incorporando-a na estrutura toda de nossa vida. Este modo de pensar fragmentado, em nome de sobrevivência intelectual, é mais uma ameaça para a fé do que uma defesa.

6. Reconheça que a Bíblia não nos diz tudo.

Ao nos dar a verdade Deus pôs restrições à mesma. Por exemplo, quando Jesus ordenou Seus discípulos a ir a todo mundo e pregar o evangelho, Ele não deu uma explicação detalhada de geografia. Ele não lhes disse que, contrário à crença popular, o mundo era redondo. Ele não disse que um dia um certo Colombo persuadiria a rainha Isabel, adquiriria três caravelas, e velejaria para o oeste até descobrir a

América. Jesus limitou-Se à questão central, do mesmo modo que a Bíblia se limita a verdades centrais. Quando os missionários souberam de outros continentes, a ordem de Jesus assumiu outro significado prático. Mas Sua mensagem central permaneceu.

O povo do Velho e do Novo Testamentos não estava preparado para pormenores como órbitas, trajetórias e relações espaciais. Deus limitou o que disse para o benefício do povo daquele tempo. Mas tudo que Ele disse tem-se demonstrado compatível com o conhecimento ganho através dos séculos.

Pareceremos tão ingênuos a gerações futuras como a gente que vivia há dois mil anos parece para nós. Há tanta coisa que ainda não sabemos sobre nosso Universo. O número de questões sem resposta é tão infinito como Deus o é, e ao aprendermos mais respostas pensaremos em muitas questões mais.

Se reconhecermos isto e compreendermos os princípios aqui enumerados, poderemos enfrentar qualquer problema que se levantar. Aprenderemos a viver tranquilamente sem todas as respostas. E sobreviveremos intelectualmente até o dia em que Deus nos der compreensão total. □

Jay Kesler é presidente da Universidade Taylor em Upland, Indiana. Este artigo é adaptado da revista Campus Life, Copyright © 1992, publicado por Christianity Today, Inc. Usado com permissão.





Ele viu que ela caminhava em sua direção. Ele era aviador que servia a seu país no Exterior. Ela parecia simpática, se aproximou com um sorriso e ficaram parados no meio da calçada. “Se você quer ter uma linda experiência esta tarde, venha comigo por favor”, ela disse. Por alguma razão, ele a acompanhou. Eles entraram num edifício público no centro da cidade onde gente do país e visitas, na maioria delas adultos jovens, estavam reunidas. Aquilo não era o que ele esperava. No momento indicado, todos se sentaram. A multidão começou a entoar canções que ele não ouvia desde a sua

O Serviço Jovem Adventista e Você

Dick
Barron

infância. Na realidade, ele se lembrou de uma ou duas canções e tentou cantá-las. Foram explicadas lições da Bíblia. Interessante! Ele retornou cada noite até que as reuniões terminaram, quando então entregou sua vida a Deus, decidiu unir-se à Igreja Adventista do Sétimo Dia e foi batizado.

A jovem da nossa história era membro novo da Igreja Adventista que se reunia no mesmo edifício que a Escola Adventista do Sétimo Dia da Língua Inglesa. Apenas um ano atrás, ela se havia inscrito nessa mesma escola para aprender inglês como segundo idioma. Seus professores lhe falaram de Cristo ao mesmo tempo que estudava. Ela O amou e recebeu como Senhor e Salvador de sua vida. Depois do seu batismo, começou a convidar outros para a igreja da escola de idiomas, sendo o aviador um de seus convidados. Ao regressar aos Estados Unidos, ele ingressou numa universidade adventista como estudante ministerial. Hoje, ele é um pastor de igreja.

Os que não conhecem a Cristo são muitos! Eles não têm esperança se não ouvem o que ouvimos e se não se lhes dá a

oportunidade de recebê-Lo pessoalmente. Agradecemos a Deus pelas pessoas envolvidas nos programas de Serviço Jovem Adventista! Essa jovem aprendeu sobre Cristo de seus professores da escola de inglês, que eram membros do Serviço Jovem Adventista.

O Serviço Jovem Adventista — em inglês, “Adventist Youth Service” (AYS) — é formado por jovens adventistas do sétimo dia que dedicam seu tempo, energia e talentos ao serviço de Deus e da humanidade em vários países do mundo por certo período de tempo. Eles crêem que o retorno de Jesus Cristo à Terra ocorrerá em breve e que Ele não virá até que Seu evangelho seja pregado em todo o mundo. Também crêem que os cristãos vivos hoje devem pregar sobre Cristo aos não cristãos, se desejam que eles O conheçam.

Os jovens adventistas estão cada vez mais cientes de que estamos vivendo num momento de crise sem precedente. Mas esta é uma época de oportunidades maravilhosas também. O mundo está mais acessível que em qualquer outra geração anterior. As necessidades do mundo são mais evidentes agora que antes e os recursos da igreja são muito mais amplos hoje em dia, provendo-lhe a oportunidade de entrar por essas portas abertas. Milhares de jovens e adultos jovens adventistas estão aproveitando essas portas abertas e se entregam voluntariamente para serem usados pelo Espírito Santo com o objetivo de levar multidões ao reino abrangente de Jesus Cristo.

Sem dúvida você já ouviu o chamado de Deus ao serviço, seja durante o relato da história missionária na escola sabatina, vendo os slides do “Enfoque Missionário” ou como parte de uma congregação que se entusiasma com os informes de um missionário experiente. Una-se à AYS e amplie as fronteiras da missão no seu próprio país ou no Exterior.

Se você mora na América do Norte e anela servir, chame 1-800-252-SEND. Você receberá informações para responder àquele chamado e participar ativamente na salvação de outras pessoas. Se mora em outras partes do mundo, comunique-se com o representante de *Diálogo* para a sua região (ver a pág. 2). Você também pode escrever diretamente ao Serviço Jovem Adventista; 12501 Old Columbia Pike; Silver Spring, MD 20904; E.U.A. Comunique-se conosco.

Dick Barron é o coordenador do programa de Serviço Jovem Adventista ao redor do mundo.

Euro-África em Marcha

Ronald Stradowsky

No Congresso Internacional de Jovens da Divisão Euro-Africana, realizado na Suíça no final de julho de 1994, os estudantes universitários romenos apresentaram orgulhosamente o primeiro número de *Dialog Universitar*, o “primo” romeno de *Diálogo Universitário*. Benjamin Rosca, diretor de educação da União Romena, trabalhou muito

juntamente a Cornel Jarnea, Gabriel Jarnea e um grupo de alunos para que a revista estivesse pronta para a ocasião. Com o nascimento desta, *Diálogo* está agora disponível em seis idiomas — inglês, francês, espanhol, romeno, russo e português.¹

Esse número de trinta e seis páginas contém alguns artigos próprios de autores adventistas da Romênia, bem como uma seleção de temas traduzidos de *Diálogo*.² A revista foi preparada especialmente para ser distribuída pelos estudantes adventistas a seus amigos e professores não adventistas nos centros onde a CAUPA está formalmente organizada: em Cluj-Napoka, Timisoara, Brasov, Cariova, Iasi e Bucareste, a capital da nação.

O congresso de jovens foi o ponto de encontro para uma reunião especial dos estudantes universitários adventistas de diferentes países da Divisão Euro-Africana. Cerca de 60 representantes estiveram presentes, sendo 14 deles provenientes da Romênia. Marc Kanor, um jovem doutor de

Montpellier, França, iniciou o encontro com canções de louvor e, mais tarde, seu amigo Emanuel Zuber deu um informe das atividades realizadas pela federação francesa de estudantes universitários adventistas. O Dr. Ferrán Sabaté representou a AEGUAE, a associação de estudantes universitários e profissionais da Espanha, que atualmente se prepara para seu vigésimo encontro anual. Estudantes da Itália delinearam seu programa que inclui um encontro anual e a publicação mensal da *L'Opinione*, uma revista produzida por adultos jovens. Luís Nunes e sua esposa, Anne, representaram a Portugal. Usando um questionário, eles elaboraram uma pesquisa sobre as “Atitudes Relacionadas com o Matrimônio”, que usam nos encontros de estudantes universitários para discutir a respeito das mudanças sociais que afetam o casamento e seu impacto entre os adventistas. A pesquisa está disponível em diferentes idiomas.³ Os líderes estudantis universitários da Romênia apresentaram um vídeo de suas atividades evangelísticas nos recintos das universidades públicas. O filme mostrou oradores preeminentes como Adrian Bocaneanu e John Graz dirigindo a palavra aos estudantes no auditório, enquanto outros membros da associação de estudantes adventistas convidavam seus companheiros a entrar.

Ao finalizar o encontro, os presentes recomendaram à CAUPA que durante a Reunião da Conferência Geral em Utrecht, Holanda, sejam feitos planos que permitam a realização de um encontro de representantes da CAUPA de todo o mundo. Isso facilitará o intercâmbio de planos, programas e materiais. Se você planeja assistir à reunião e deseja receber informação da data e lugar deste encontro, escreva ao editor de *Diálogo* (o endereço se encontra na pág. 2). □

Ronald Stradowsky (Doutor em Filosofia da Universidade de Freiburg) é representante da CAUPA e de *Diálogo* na Divisão Euro-Africana, onde trabalha como diretor de educação e vida familiar.

Notas

1. Veja “O Primo Russo de *Diálogo*”, *Diálogo* 5:3 (1993), pág. 28.
2. Leitores que desejam obter uma cópia da *Dialog Universitar* podem solicitá-lo à redação da revista: Str. Plantelor 12; Sector 2, O.P. 20; 70308 Bucareste; Romênia.
3. Cópias da pesquisa em inglês, finlandês, francês, alemão, italiano ou espanhol podem ser obtidas gratuitamente no Departamento de Vida Familiar da Divisão Euro-Africana. Veja o endereço na página 2.

CAUPA da Divisão Euro-Africana

Áustria	• Walter Schultschik, coordenador: Nussdorferstr. 5; A 1090 Viena; Áustria.
Bulgária	• Eduard Keshischjan: Solunska 10; 1000 Sofia; Bulgária.
República Tcheca e Eslováquia	• Dr. Jiri Moskalam, coordenador: Zalesi 50; 14200 Praga 4-Lhotka; República Tcheca.
França	• Association des etudiants Adventistes de France (AeAf): Emmanuel Zuber, presidente: 56 rue Chevreul; F 69007 Lyon; França. Tel. 727717382.
Alemanha (Norte)	• Gerd Eiteneier, coordenador: Fischerstr. 19; D 30167 Hanover; Alemanha. • Martin Gabka: Joseph Haydn Str. 4; D 28209 Bremen; Alemanha. • Harald Gabel: Haydnstr. 16; D 01309 Dresden; Alemanha. • Werner Jelinek: Koblenzerstr. 2; D 12715 Berlim; Alemanha. • Detlev Lang: Nonnenfettweide 12; D 46325 Borken; Alemanha. • Arion Paetow: Spreewed 25; D 30851; Hannover; Alemanha. • Siegried Wittwer: Thiedeweg 4; D 22047; Hamburgo; Alemanha.
Alemanha (Sul)	• Dr. Ekkehard Muller, coordenador: Postfach 4260; D 73760 Ostfildern; Alemanha.
Itália	• AUDA (Associação de Estudantes e Profissionais Adventistas), Corrado Cozzi, coordenador: Lungotevere Michelangelo 7; I 00192; Roma; Itália.
Portugal	• Rogério Nobrega, coordenador: Rua Joaquim Bonifácio 17; 1199 Lisboa Codex; Portugal.
Romênia	• Asociatia Studenteasca AMiCUS: Str. Sararie Nr. 127; Iasi; Romênia 6600. • Coordenador: Gabriel Bardan, diretor de jovens, Associação Moldava; Str. Oituz 53; Bacau; Romênia.
Espanha	• Dr. Ferrán Sabaté Casellas, presidente AEGUAE: C/Manila, 89 8-1ª; 08034 Barcelona; Espanha. • José Anierte, oficial da igreja: Alenza 6; E 28003, Madri; Espanha. Ou C/Comte d'Urgell, 133; 08036 Barcelona; Espanha.
Suíça	• Dr. Roland Meyer, coordenador: 19, ch. des Pepinieres; CH 1020 Renens; Suíça.

O Jogo: Uma Opção Adventista?

O jogo está se tornando uma prática aceitável em várias partes do mundo onde anteriormente era proibido. Na realidade, alguns governos locais e estaduais permitem o jogo como uma maneira de aumentar a renda. Jogar é apropriado para os adventistas do sétimo dia? Existem princípios bíblicos que guiem nossa posição em relação ao jogo? Os adventistas deveriam tentar influenciar os processos políticos para que o jogo não seja autorizado?

O Comitê de Ética da Divisão do Pacífico do Sul redigiu um documento sobre esse assunto, que foi posteriormente aprovado pelo comitê executivo da divisão em maio de 1990. Como os adventistas do sétimo dia se interessam sobre os temas éticos da nossa sociedade, a *Diálogo* o publica com o objetivo de estimular a reflexão, o debate e uma atitude positiva dos nossos leitores.

Definição

O jogo pode ser definido como qualquer prática na qual uma pessoa põe em risco dinheiro e outros bens por uma oportunidade de ganhar um prêmio que é baseado na perda do dinheiro ou bens de outro.

Fundamentação

A Igreja Adventista do Sétimo Dia tem se oposto constantemente ao jogo por razões bíblicas que incluem as seguintes:

1. *O jogo é uma violação à crença cristã de que todas as pessoas*

são administradoras de todos os seus bens (seja tempo, talento, conhecimento ou recursos financeiros). Esses devem ser usados de maneira sábia para o sustento e realização humanos, para manter a família, dar apoio à igreja e à comunidade e atender as necessidades dos menos afortunados. O jogo é um uso inadequado desses bens. (Gênesis 1:26-28; 2:15; Deuteronômio 8:11-18; 1 Crônicas 29:14; Salmos 24:1; Eclesiastes 3:13; 5:19; Mateus 25:14-30; Romanos 15:26, 27; 1 Timóteo 6:17-19).

2. *O jogo promove o espírito egoísta e o desejo de ter aquilo que não foi ganho e que pertence propriamente a outra pessoa.* O jogo degrada a dignidade da ordenança divina do trabalho. (Êxodo 20:17; Provérbios 21:25, 26; Mateus 6:24, 25, 31-33; Lucas 12:15; 1 Tessalonicenses 4:11, 12; 2 Tessalonicenses 3:7-12).
3. *O jogo é uma violação ao mandamento divino de amar ao nosso próximo como a nós mesmos.* No ato de jogar está implícito a perda para aqueles que não são ganhadores. O jogo aflige os membros mais débeis de uma comunidade que muitas vezes devem abrir mão das necessidades da vida por causa do seu próprio jogo ou do jogo da pessoa de quem eles são dependentes. (Provérbios 22:16; Isaías 58:6, 7, 10; Mateus 7:12;

Lucas 10:27; Romanos 13:10; Tiago 2:8).

4. *O jogo traz conseqüências sociais adversas aos indivíduos, famílias e comunidades.* Pobreza, suicídio, dependência das drogas e alcoolismo estão muitas vezes associados a ele. O jogo em si mesmo torna-se um vício para muitos. Como os cristãos têm a responsabilidade de zelar pelo bem-estar dos mais “fracos”, o jogo, mesmo de forma moderada, é uma abdicação dessa responsabilidade. (Jó 22:6-11; Salmos 10:2; Provérbios 23:21; 28:19; Isaías 3:14, 15; Romanos 14:7, 13, 21; 1 Coríntios 8:9).

Levantar Fundos

Tendo em vista o acima mencionado, os adventistas do sétimo dia se opõem ao uso de rifas, loterias e outros jogos de azar para o levantamento de fundos, inclusive para projetos louváveis.

As doações feitas com esperança de obter benefício pessoal roubam aos doadores a alegria de uma doação altruísta.

O jogo, mesmo com o objetivo de reunir dinheiro para uma causa digna, pode ser o portão de entrada que leve ao vício do jogo. Como ocorre com o alcoolismo, não há maneira de saber de antemão quem se tornará um jogador compulsório.

Riscos de Negócios

Todos os investimentos de negócios incluem algum elemento de risco, variando de razoavelmente seguros a extremamente especulativos. Existe uma linha divisória sutil entre os riscos de negócios e o jogo. Os altos riscos nos negócios são uma forma de jogo e existem aqueles que tomam riscos de forma compulsória assim como existem jogadores compulsórios.

Entretanto, o alto retorno de um investimento de negócio não está necessariamente baseado na perda de outros investidores. Assim, se bem que correr riscos nos negócios possa ser questionado quanto a ser uma administração adequada dos talentos dados por Deus e possa ser uma violação dos princípios bíblicos, não deveria ser diretamente comparado ao jogo. □

Podemos Dançar?

Continuação da pág. 17

excluindo a Jesus. Assemelha-se à experiência dos judeus ao cercar a lei com incontáveis regras sem valor. É possível que tenhamos cercado Jesus com tantas regras que em qualquer discussão de estilo de vida só se vêem as normas mas não a Jesus? Qualquer diálogo sobre estilo de vida deveria levar ao cerne da questão — Jesus.

Como começar

Muitos de vocês estão começando a tomar decisões importantes inteiramente a sós. Ao compreender melhor a direção de Deus em sua vida, você desejará distinguir claramente entre princípios e aplicações. Como você pode começar um diálogo sobre estilo de vida na igreja ou num círculo de amigos adventistas? Como pode chegar a conclusões significativas para os participantes e ainda permanecer fiel aos princípios divinos? Eis algumas dicas que você pode seguir num grupo de estudo:

1. Estabeleça métodos de discussão.

Não comece dando sua própria conclusão sobre o assunto. Procure facilitar uma discussão viva. Primeiro, escolha um assunto; poderia ser dança ou cigarro ou outro assunto que interesse ao grupo.³ Tome notas das questões, comentários e incoerências que surgirem na discussão.

Em seguida, identifique as respostas para cada ponto na agenda. Pode levar de 30 a 45 minutos para completar esta fase — talvez mais tempo se houver distrações, mas vale a pena o tempo gasto. A menos que as pessoas sintam que foram ouvidas, impingir-lhes as “respostas certas” raramente leva à aceitação ou aplicação pessoal.

2. Espere diversidade de opiniões ao passar as questões, comentários e reações. Quais são os princípios bíblicos que têm que ver com o assunto? Identifique-os, incluindo capítulo e verso. Por exemplo, a admoestação de Paulo para que as mulheres guardem silêncio na igreja é uma aplicação do princípio de adoração apropriada no tempo de Paulo (ver I Timóteo 2:11, 12). Hoje, todos concordariam que a adoração apropriada é um princípio eterno e para todas as culturas. É sua aplicação que pode mudar com o tempo e lugar. Mesmo aqueles que se opõem à ordenação de mulheres reconhecem que mulheres podem ensinar classes da Escola Sabatina e dirigir partes do culto numa congregação adventista.

Se você está lidando com instruções achadas nos escritos de Ellen White, lembre-se de que muito do que ela escreveu tratava com aplicações específicas de princípios bíblicos.

Voltando ao princípio original e fazendo aplicação hoje numa cultura diferente, pode fornecer uma perspectiva diferente.

Identifique questões afins que ainda não têm respostas satisfatórias. Com o auxílio de uma concordância, ache outras passagens bíblicas sobre o assunto. Leia o contexto. Use traduções diferentes. Por exemplo, passagens bíblicas que tratam do problema de beber podem nem mesmo mencionar a palavra “vinho”.

3. Formule aplicações pessoais.

Agora que seu grupo identificou princípios bíblicos, passe à aplicação pessoal. Escolha um pequeno grupo de crentes com o qual você pode ser honesto e responsável quanto à aplicação de tais princípios em sua vida. Tais pessoas não serão cães policiais, mas companheiros de peregrinação com os quais você pode ser franco e honesto. Tais pessoas o estimam e podem prover encorajamento ao você viver a vida para a qual você foi chamado. Tais pessoas constituem a comunidade de crentes — a igreja.

Conclusão

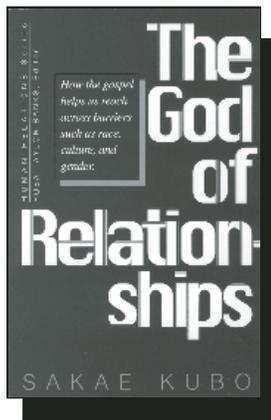
Neste contexto, é tempo de responder nossa pergunta inicial: Vamos dançar? Depois de estudar as 27 referências bíblicas à *dança* (*danças*, *dançado*, *dançando*), pode-se chegar aos seguintes princípios:

1. A dança pode ser parte do culto divino (Salmo 150:4).
2. A dança é uma expressão apropriada de alegria social (I Samuel 18:6).
3. A dança não deve despertar emoções relacionadas com o sexo (Êxodo 32:6, 19; I Coríntios 10:7, 8).
4. A dança, como qualquer atividade em que o cristão se empenha, deve honrar a Deus (I Coríntios 10:31).
□

Steve Case (Ph.D., Andrews University) é presidente do Piece of the Pie Ministries (3732 California Ave.; Carmichael, Califórnia 95608; E.U.A.) e orador freqüente em seminários de liderança de jovens. O artigo é adaptado de seu livro Shall We Dance? (La Sierra University Press, 1994), o qual pode ser adquirido, juntamente com fitas, do endereço acima.

Notas e Referências

1. Este estudo envolveu 12.142 alunos da 6ª a 12ª série. 1.892 pais, 282 professores, 176 diretores e 15 pastores na América do Norte. Ver *Valuegenesis: A Study of the Influence of Family, Church and School on the Faith, Values and Commitment of Adventist Youth* (Silver Spring, Md.: North American Division, 1990).
2. Ver, por exemplo, “Adventists and Movies: A Century of Change,” *Dialogue* 5:1 (1993), págs. 12-15.
3. Ver “O Jogo: Uma Opção Adventista?” neste número de *Diálogo*, pág. 28.



The God of Relationships, Sakae Kubo (Hagerstown, Md.: Review and Herald Publ. Assn., 1993; 159 págs., brochura).

APRECIÇÃO DE SYLVIA B. RASI.

Uma das figuras poderosas do Novo Testamento é Deus o Pai, reconciliador da humanidade por Jesus Cristo. Ao aceitar esta imagem, cristãos recebem o poder de viver uma nova vida: obter vitória sobre suas faltas e aceitar diferenças entre eles e outros. A

razão do fracasso em vencer barreiras étnicas, de sexo ou outras não está com o evangelho, mas em nós mesmos, pois o Deus que nos é revelado em Sua Palavra é na verdade um Deus que Se relaciona.

Este é o enfoque do livro de Sakae Kubo. Kubo é um bibliicista, professor e escritor. Com base em sua experiência ele nos lembra que Deus esta envolvido não somente nas relações entre pessoas, mas também com o Universo.

A pedido do Escritório de Relações Humanas da Divisão Norte-Americana, *The God of Relationships* tem por objetivo promover “crescimento individual, melhorar as relações humanas e aumentar a eficácia denominacional”. Kubo começa sua tarefa com uma perspectiva ampla intitulada “O Deus de Todas as Nações”. Ele elabora uma interessante “teologia de raça” adventista e toma como seus três pontos principais protologia (primeiros eventos, e.g. Criação), escatologia (eventos finais) e mesologia (a Encarnação).

A ênfase adventista sobre a atividade divina da Criação até a Terra Nova, argumenta Kubo, exige uma abordagem não-racista, não-étnica das relações entre pessoas. Assim, tais fenômenos como associações e igrejas para afro-americanos nos Estados Unidos não são ideais nem aprovados por Ellen G. White. A preocupação do autor com questões de brancos e pretos nos Estados Unidos resulta em poucas referências a problemas que envolvem outros grupos étnicos. Mas seu tratamento de questões raciais, incluindo anti-semitismo, estabelece claramente que o evangelho não deixa lugar para discriminação.

A segunda preocupação de Kubo tem que ver com relações entre os sexos e reúne material sobre patriarcado, o modo de Jesus encarar as mulheres, a imagem sexual de Deus, e o papel das mulheres em nossa igreja. O autor vê um paralelo entre o problema da escravatura nos Estados Unidos e o debate corrente sobre igualdade feminina. Embora a tradição e citações bíblicas tenham sido usadas para apoiar a escravatura, ela foi subsequentemente considerada errada. Kubo observa que o mesmo critério aplica-se ao direito das mulheres, incluindo sua ordenação ao pastorado.

O livro também lida com a questão de divisões de classes. Referências ao — apartheid — na África do Sul e a queda do comunismo mostram quanto o mundo tem mudado recentemente. Contudo, o debate dos “liberais” e “conservadores” tratado no livro “o Deus de Todos os Adoradores” permanece uma questão aberta. Kubo observa que os conservadores definem as questões em termos mais absolutos e morais do que os liberais. Embora afirmando que

“não podemos tolerar diferenças referentes a questões morais” (pág. 116), Kubo evita uma definição clara destas questões morais e omite uma explicação de como uma decisão pode ser feita para satisfazer ambos os grupos.

Embora Kubo não vá ao fundo de nenhuma questão, *The God of Relationships* estimula o pensamento e encoraja o estudo das relações entre adventistas hoje. Ao concluir o livro com o “O Deus da Igreja Toda”, Kubo nos desafia a compreender a idéia do sacerdócio universal dos crentes e a participar na “Igreja do Arco-Íris.” □

Sylvia B. Rasi está completando seu doutorado em lingüística na Georgetown University, Washington, D.C. Ela ensina espanhol e inglês como segunda língua no Pacific Union College, em Angwin, Califórnia, E.U.A.



It's Your Money! Isn't It? Practical Money Management for Adventists, G. Edward Reid (Hagerstown, Md.: Review and Herald Publ. Assn., 1993).

APRECIÇÃO DE RONALD VYHMEISTER.

O autor, atualmente diretor do Departamento de Mordomia da Divisão Norte-Americana, é bem conhecido em círculos adventistas por seu interesse na administração

financeira pessoal. Através dos anos ele tem dirigido muitos seminários de planejamento financeiro, e tem aconselhado indivíduos e famílias sobre questões financeiras.

Neste livro Reid aborda questões de administração financeira pessoal enfrentada por cristãos em geral, e Adventistas do Sétimo Dia em particular. O livro tem três seções principais.

A primeira seção trata de uma questão espiritual-teológica fundamental para cristãos: “Por que devíamos nos preocupar com dinheiro?” Reid esboça diversos princípios: devemos amar a Deus acima de tudo, mesmo o dinheiro. O dinheiro pode se tornar uma armadilha para nos separar de Deus. Como todo nosso dinheiro pertence a Deus, somos apenas gerentes.

A segunda seção trata do manejo de recursos. Reid discute como manejar dívida, em vez de permitir que ela nos maneje, e dá sugestões práticas de como fazer e manter um orçamento familiar. Um capítulo é dedicado a ensinar as crianças no manejo financeiro. Esta seção também trata da sabedoria de possuir uma casa.

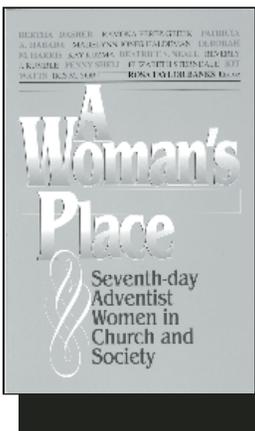
Ao recomendar comprar uma casa pagando-a o mais depressa possível, o autor parece exagerar os fatos. Por exemplo, ele assume que os juros de hipoteca são 20 por cento mais altos do que os juros de investimento. Isto talvez fosse verdade no passado, mas não o é mais hoje. Embora eu concorde com a importância de possuir sua casa própria, na economia de hoje pode não ser o melhor modo de aumentar seu capital. Em outros casos Reid calcula o efeito acumulado dos juros, de modo a produzir o resultado

desejado, ou assume valores estáticos da propriedade.

A terceira seção enfatiza a preparação para o futuro. O autor discute tais questões como quando e onde jubilar-se e reservas financeiras para a velhice. Ele argumenta que se pode passar de economizar para entesourar. Devemos manejar nosso dinheiro para o benefício de Deus, não o nosso ou de nossa família. Se podemos manejar nossas finanças melhor do que nossos herdeiros e se cremos que não usariam o dinheiro como achamos que deveriam, devíamos dar-lhes apenas aquilo que sentimos ser apropriado. Finalmente, o autor argumenta que seremos julgados sobre o manejo do dinheiro do mesmo modo que de outros dons de Deus.

O livro provê uma perspectiva bíblica e adventista clara sobre o manejo pessoal de finanças. Muitos dos princípios esboçados são válidos e geralmente aceitos mesmo na comunidade secular. O modo do livro abordar o assunto se parece com as idéias promovidas por Larry Burkett, um consultor financeiro cristão. O livro é de leitura fácil, e eu o recomendaria a qualquer um que quer saber ou recapitular os princípios bíblicos de mordomia cristã. Mesmo aqueles que pensam saber tudo sobre administração financeira, provavelmente acharão novos conceitos. □

Ronald Vyhmeister está completando doutorado em Sistemas de Informação de Administração da Universidade de Illinois-Chicago. Leciona na Faculdade de Comércio da Andrews University, em Michigan, E.U.A.



A Woman's Place: Seventh-day Adventist Women in Church and Society, ed. por Rosa Taylor Banks (Hagerstown, Md.: Review and Herald Publ. Assn., 1992; 189 págs., brochura).

APRECIÇÃO DE MANUELA CASTI.

A Woman's Place, produzido por iniciativa do Escritório de Relações Humanas da Divisão Norte-Americana, desafia nossas opiniões. Seu objetivo principal é

estabelecer uma identidade positiva para mulheres Adventistas do Sétimo Dia. O livro não é um “protesto feminino”; seu desígnio jaz em mostrar que a mulher não é *como* o homem — ela tem um papel de igual dignidade no plano de Deus e pode oferecer uma contribuição *feminina* à Igreja.

No primeiro artigo, Beatrice S. Neall afirma que as ações de Deus são o controle de nossa interpretação das Escrituras. Neall faz uma apresentação poética e competente da natureza humana e das relações macho-fêmea achadas na Bíblia. Ela sugere que nossa compreensão é acanhada em comparação com a de Deus, tal como é mostrada na Sua Palavra e iluminada pelas ações de Seu Filho.

Os capítulos 2 e 3, escritos por Kit Watts e Bertha Dasher, respectivamente, demonstram a importância histórica das contribuições das mulheres durante os anos de formação de

Diálogo 6:2—1994

nosso movimento e mostram o notável decréscimo depois da morte de E. G. White. A legibilidade é de certo modo prejudicada por uma longa abordagem em forma de catálogo.

Ramona Perez-Greek analisa tendências recentes ligadas com mulheres na liderança da igreja. Ela provê respostas a questões cruciais como: “Provê a igreja tradicional oportunidades significativas nas quais mulheres podem servir? Como podem mulheres com dons de administração, organização, estratégia e planejamento ser usadas pela igreja? Que tal os dons de liderança das mães e avós que ficam em casa? Que dizer da liderança da mulher-pastor?” (págs. 86-87). Perez-Greek estimula à ação, especialmente em “áreas da periferia”, como a Europa.

Pat Habada e Beverly Rumble examinam o progresso das mulheres em posições de responsabilidade em educação, onde as mulheres tradicionalmente têm tido mais oportunidades. Este capítulo oferece uma perspectiva surpreendente e evidências da necessidade de um planejamento institucional mais efetivo.

Kay Kuzma discute o tópico da “família ideal”. Ela vê a igreja se afastando “do estereótipo que relega à mulher as alegrias e desapontamentos de assumir a maior responsabilidade pelo lar e as crianças, enquanto o marido é enxotado fora de casa e para o lugar de trabalho” (pág. 15). Tem havido uma inversão nos países desenvolvidos. Em que medida a igreja partilha dessa evolução?

Madelyn Jones-Haldeman adota uma perspectiva psicológica sobre a dinâmica da família. Ela aplica situações bíblicas à tarefa difícil dos papéis familiares com resultados interessantes. Leitores acharão aplicações importantes à vida contemporânea de família.

O tópico no capítulo 8, “Mulheres ajudando Mulheres. Uma Rede de Auxílio”, por Debora Harris, infelizmente degenera num panegírico das mulheres, obscurecendo assim as ideias promissoras nele contidas.

Penny Shell considera “Como a Sociedade Afeta Mudanças Sociais na Igreja de Hoje.” Mulheres que trabalham fora de casa são uma realidade crescente no mundo ao redor. Isto cria novos desafios para a igreja em canalizar recursos, usar talentos, e em criar oportunidades para evangelização. Shell da um sumário de ministérios de mulheres em igrejas evangélicas preeminentes.

O artigo de Iria M. Yob fornece uma consideração sociológica do “papel” nas relações macho-fêmea. Como podemos determinar o que é “feminino” ou “masculino” em nós, e como isto afeta nossa compreensão das Escrituras e nossa prática? Qual é a influência dos estereótipos da mídia? Este artigo inclui uma consideração inteligente do único “ser humano perfeito” — Jesus Cristo.

Obras interessantes como esta coleção correm o risco de não oferecer uma análise profunda dos problemas que deram origem a tais publicações. Contudo, *A Woman's Place* tem êxito em estabelecer o que é e qual poderia ser o papel da mulher na igreja. Transmite um desejo contagioso de maior envolvimento de um maior número de membros da igreja em sua missão. □

Manuela Casti completou estudos avançados em filologia bíblica. Ela leciona línguas bíblicas no seminário do Instituto Adventista “Villa Aurora”, em Florença, Itália. Ela também serve como secretária da AUDA, réplica da CAUPA na Itália.

A vida tem dilacerações e interrupções, mas pode prosseguir se permitirmos que Deus assuma o controle.

Superando as Dilacerações da Vida

Emily
Tebbs
Dube

A vida era uma alegria! Estava com 27 anos. Tinha um esposo que me amava profundamente. Meu filho tinha 3 anos e minha filha, 8 meses. Tinha um bom emprego — cobiçado por muitos — no Ministério das Finanças, Planejamento Econômico e Desenvolvimento no Zimbábue.

E tudo se tornava ainda melhor. Certo dia de agosto de 1987, um sonho de longa data chegou à nossa porta dentro de um envelope lacrado. O Canadian Commonwealth Scholarship Committee — ou seja, o Comitê para Bolsas de Estudos da Comunidade Canadense — nos outorgou o prêmio que oferecia estudos de mestrado no Canadá. Meu marido e eu nos casamos sete meses depois de terminarmos nossos cursos universitários e, dali em diante, havíamos desejado fazer o mestrado juntos. Agora estávamos prontos para ir ao Canadá. O nosso sonho estava por realizar-se.

A dilaceração

Então veio a dilaceração. Ou foi uma interrupção? Realizou-se uma festa de despedida na casa da mãe de meu esposo cinco dias antes da nossa partida para o Canadá. A festa foi boa. Desfrutamos do amor e da companhia de parentes e amigos. Nos despedimos e estávamos retornando à capital, Harare.

Meu marido e seu amigo estavam no carro que ia à nossa frente. Nossos filhos

pequenos, alguns amigos e eu estávamos numa camionete. A placa de trânsito indicava que estávamos a vinte quilômetros da cidade. Foi então que vi o carro onde viajavam meu esposo e seu amigo passar pela proteção lateral de uma ponte. Posteriormente me contaram que a direção se havia trancado. Paramos a camionete. Desci correndo o lanço de escada ao lado da ponte. Vi, vários metros abaixo, o carro virado de lado no leito seco do rio. Uma sensação de paralisia me dominou. Minhas pernas perderam a força. Não podia permanecer de pé. Um primo veio em meu auxílio. Tudo sucedeu tão rapidamente. Num instante, meu esposo se havia ido; e também o seu amigo.

Dilacerações aos nossos planos são freqüentemente inexplicáveis e difíceis de aceitar. Afirmar Romanos 8:28 (“... todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus”) parece difícil demais em tais circunstâncias. Mas a vida deve continuar. Os sonhos fazem parte da nossa vida.

Um ano depois do acidente, fui ao Canadá com meus filhos. Achava que devia terminar o mestrado, especialmente por criar meus filhos sozinha. Não foi nada fácil. As finanças eram sempre um desafio. Manter uma família sozinha e estudar ao mesmo tempo exigiu enormes esforços. Mas Deus realmente interveio. Amigos da igreja nos ajudaram. De formas misteriosas, descobrimos força — física, emocional, financeira e espiritual.

Mesmo quando se aproximava a conclusão do meu mestrado em economia, certo temor parecia rondar em minha mente. Temor de cair na realidade das circunstâncias: a viuvez, a incerteza de conseguir um emprego, o futuro de meus filhos em crescimento. E para completar, eu não tinha raízes reais no Zimbábue. Nasci na Libéria e recebi a nacionalidade do Zimbábue após o casamento. Permaneci no Canadá nove meses mais.

Solicitei para ensinar na Adventist University of Eastern Africa, em Baraton, Quênia. Mas não recebi resposta. Regressei a Zimbábue com meus filhos, meu diploma e muita fé. Consegui trabalho num banco e depois noutra como gerente de projetos. A avaliação e a análise de projetos me haviam interessado desde aqueles tempos dourados da universidade, quando vi meu esposo pela primeira vez. Por fim, recebia boa remuneração, benefícios, satisfação profissional e prestígio.

Enquanto isso, a Adventist University of Eastern Africa tinha um novo vice-reitor. A universidade precisava com urgência de um professor de economia. Alguém no seu escritório mencionou a respeito da minha

aplicação feita quase dois anos antes. Ele comunicou-se comigo imediatamente. Naquela época, havia perdido o interesse de ensinar; no banco obtinha tudo que necessitava. Mas o vice-reitor quis ter uma entrevista comigo. Fui à entrevista sem qualquer intenção de aceitar o emprego. Essa decisão foi reforçada quando soube que meu salário seria uma quarta parte do que recebia no banco. Mas, por cortesia, prometi considerar a proposta e entrar em contato com a universidade posteriormente.

A intervenção

Sete meses depois, durante o meu devocional matutino, li a seguinte frase de Ellen White no livro *Testimonies to Southern Africa*: “Os homens que se entregarão à grande obra de ensinar a verdade não são aqueles que foram subornados pelas riquezas ou amedrontados pela pobreza” (pág. 7). Senti que Deus falava diretamente comigo. Ele parecia estar dizendo: “Eu a chamei e você recusou seguir-Me. Peço de você não somente seu dízimo e ofertas, mas também seus talentos. Quero que você deixe aos Meus cuidados os seus objetivos profissionais”.

Comecei a justificar-me a mim mesma. Era uma mãe sozinha. Precisava de um bom salário para atender às necessidades da minha família. Inesperadamente, Salmo 37:25 desafiou minha maneira de pensar: “Fui moço, e já, agora, sou velho, porém jamais vi o justo desamparado, nem a sua descendência a mendigar o pão”. Foi então que prometi a Deus que se Ele me chamasse novamente, eu não recusaria.

Chega o sábado e o vice-reitor, que visitava Zimbábue, estava na minha igreja. Pude vê-lo logo que entrei ao pátio da igreja. Parecia que uma voz me dizia: “Emily, você prometeu responder quando Eu a chamasse”. Decidi fingir não havê-lo visto. Mas ele me viu e disse: “Sra. Dube, ainda estou esperando sua decisão”.

Durante todo o fim-de-semana ponderi sobre minha decisão. Sabia que Deus me chamava para fazer parte da universidade. O chamado era tão forte e a atração do Espírito Santo, irresistível. As questões financeiras tornaram-se irrelevantes. O compromisso aconteceu imediatamente.

Estou na universidade agora. Ou deveria dizer, estou na vinha de Deus? Vivo cada dia por Suas promessas, enquanto aprendo a encarar as interrupções e dilacerações da vida sob Sua direção. □

Nascida na Libéria, Emily Tebbs Dube é professora de Economia na University of Eastern Africa, Baraton, Quênia.

Pegadas

Continuação da pág. 12

Para alguns, a filosofia apresentada aqui parecerá ofensiva, mas a vantagem para a ciência de incluir pessoas com diferentes filosofias é que cada uma pode reconhecer certos tipos de dados que outros poderiam passar por alto. O teste supremo de um cientista é sua honestidade em lidar com dados e a qualidade de sua pesquisa, não sua filosofia pessoal. Para a ciência seria suficiente julgar uma pessoa na base de sua honestidade e eficiência. Isto eliminaria uma porção de batalhas sobre questões filosóficas. Uma hipótese insólita, não importa a fonte, não é absurda se puder ser testada por pesquisa cuidadosa. □

Leonard R. Brand (Ph.D., Cornell University) leciona Biologia e Paleontologia em Loma Linda University, Loma Linda, Califórnia, E.U.A.

Notas e Referências

1. W. M. Davis, “The Value of Outrageous Hypotheses”, *Science* 63 (1926): 463-468.
2. V. R. Baker, “The Spokane Flood Controversy and the Martian Overflow Channels”, *Science* 202 (1978): 1249-1256.
3. S. J. Gould, “Lyell’s Vision and Rhetoric”, em W. A. Begtreen e J. A. Couvering, eds., *Catastrophes and Earth History: The New Uniformitarianism* (Princeton, N.J.: Princeton University Press, 1984).
4. N. Eldredge, *The Monkey Business: A Scientist Looks at Creationism* (New York: Pocket Books, 1982).
5. E. D. McKee, “The Coconino Sandstone—Its History and Origin”, *Carnegie Institute of Washington, Contributions to Paleontology*, Publication No. 40 (1933): 77-115.
6. E. D. McKee, “Experiments on the Development of Tracks in Fine Crossbedded Sand”, *Journal of Sedimentary Petrology* 17 (1947): 23-28.
7. Ver L. R. Brand, “Field and Laboratory Studies on the Coconino Sandstone (Permian) Fossil Vertebrate Footprints and Their Paleogeological Implications”, *Paleogeography, Paleoclimatology, Paleogeology* 28 (1979): 25-38.
8. K. O. Stanley, W. M. Jordan e R. H. Dott, “New Hypothesis of Early Jurassic Paleogeography and Sediment Dispersal for Western United States”, *American Association of Petroleum Geologists Bulletin* 55 (1971): 10-19.
9. Ver, por exemplo, L. T. Middleton, D. K. Elliott e M. Morales, “Coconino Sandstone”, em S. S. Beus e M. Morales, eds., *Grand Canyon Geology* (Oxford: Oxford University Press, 1990), págs. 183-202; P. Hesp e S. G. Fryberger, eds., “Eolian Sediments”, *Sedimentary Geology* 55 (1988): 184; G. Kocurek, ed., “Late Paleozoic and Mesozoic Eolian Deposits of the Western Interior of the United States”, *Sedimentary Geology* 56 (1988): 413.
10. Ver L. R. Brand e T. Tang, “Fossil Vertebrate Footprints in the Coconino Sandstone (Permian) of Northern Arizona: Evidence for Underwater Origin”, *Geology* 19 (1991): 1201-1204; L. R. Brand, “Reply: Fossil Vertebrate Footprints in the Coconino Sandstone (Permian) of Northern Arizona: Evidence for Underwater Origin”, *Geology* 20 (1992): 668-670.

Assinaturas

Então... você está (finalmente!) fora da escola e trabalhando duro em sua carreira (parabéns!). Mas isto não significa que você parou de pensar, certo? Mantenha-se atualizado com a cadeia mundial dos adventistas profissionais que partilham de suas idéias quanto à carreira e cristianismo. Participe do nosso contínuo *Diálogo*.

Assinatura anual (3 números): US\$10; Números anteriores: US\$3 cada.

Por favor, inscreva-me para *Diálogo* em: Inglês Francês Português Espanhol.

Números: Comece minha inscrição com o próximo número.

Gostaria de receber os seguintes números antigos Vol. ____ Nº ____

Pagamento: Estou incluindo um cheque ou ordem bancária.

O número do meu cartão de crédito é: _____
Expira em _____

Por favor use letra de forma:

Nome: _____

Endereço: _____

Envie para *Dialogue* Subscriptions; Linda Torske; 12501 Old Columbia Pike; Silver Spring, MD 20904-6600; E.U.A. Fax: 301-622-9627.

Leitores que desejam estabelecer correspondência com estudantes universitários ou profissionais adventistas de outras partes do mundo:

Adjei-Gbenda Abraham: 26 anos; solteiro; possui um bacharelado em secretariado; *hobbies:* leitura, intercâmbio de cartas e futebol; correspondência em inglês ou francês. Endereço: Valco Hall F1; University of Cape Coast; Cape Coast C/R; GHANA.

Amaury Alejandro Acosta: 24 anos; solteiro; estuda direito; *hobbies:* pintura, tocar violão, cantar, esportes e leitura de obras clássicas; correspondência em espanhol. Endereço: Calle Mella 29; Laguna Salada; Mao, Valverde; REPÚBLICA DOMINICANA.

Rita de Cássia Araújo: 30 anos; solteira; formada em administração de empresas; interesses: psicologia e teologia; *hobbies:* artes, esportes, viagens, caminhadas em meio à natureza e “qualquer coisa que me acerque a Deus”; correspondência em inglês, português ou espanhol. Endereço: Q.R. 406, Conj. 21, Casa 13; 72.310-060 Brasília, DF; BRASIL.

Samuel Baidoo: 31 anos; solteiro; estuda teologia e inglês; *hobbies:* fotografia, viagens, tocar piano, estudar a natureza, natação, evangelismo e intercâmbio de cartas; correspondência em inglês. Endereço: Valley View College; Box 9358, Airport, Accra; GHANA.

Darryl B. Barrientos: 27 anos; solteiro; formado em engenharia civil e estuda educação; *hobbies:* cantar, tocar violão, desenho, leitura e esportes; correspondência em inglês. Endereço: Capitol Site; 5600 Kalibo, Aklan; FILIPINAS.

Andréia Batistote: 20 anos; solteira; estuda engenharia civil; *hobbies:* natação, tênis e tocar instrumentos musicais; correspondência em inglês, italiano ou português. Endereço: Rua Piqui 228, Bairro Cooptrabalho; 79085 Campo Grande, MS; BRASIL.

Sserunjogi Benon: 25 anos; solteiro; ensina artes em escola de 2º grau; *hobbies:* artes, música cristã, acampar, futebol, leitura de artigos e livros sobre profecias bíblicas; correspondência em inglês. Endereço: Kalinabiri Secondary School; P.O. Box 5061; Kampala; UGANDA.

Jessica E. S. Davis: 20 anos; solteira; estuda inglês e ciência do comportamento; interesses: viagens, dar testemunho, relações públicas, cantar, desenhar, intercâmbio de cartas, natação e passeio de bote; correspondência em inglês. Endereço: Caribbean Union College; P.O. Box 175; Port-of-Spain; TRINIDADE.

Klaidas Gelumbauskas: 24 anos; solteiro; tornou-se adventista em novembro de 1992; terminando mestrado em marketing na Kaunas Technology University; *hobbies:*

intercâmbio de cartas, viagens, esportes, natureza, jardinagem, caminhadas em montanhas, coleção de selos e moedas, música; correspondência em inglês, lituano ou russo. Endereço: Zvaigzdziu 14-7; LT-5310 Panevezys; LITUÂNIA.

Mercedes González: 31 anos; solteira; tecladista de computador; interesses: viagens, fazer novas amizades e literatura; correspondência em espanhol. Endereço: Av. México 3505, Villa Los Prados; Puente Alto, Santiago; CHILE.

Manuela Harti: 28 anos; solteira; trabalha como professora; interesses: leitura, natureza e viagens; correspondência em inglês, francês ou alemão. Endereço: Gonetsreith 93; 4910; Ried; ÁUSTRIA.

Meriam V. Hilairon: 21 anos; solteira; estuda gerência comercial; *hobbies:* intercâmbio de cartas e fotografias, jardinagem e coleção de selos; correspondência em inglês. Endereço: Guisijan, Laua-an; Antique 5705; FILIPINAS.

Caroline H. Inocencio: 27 anos; solteira; formada em educação para o 2º grau e ensina numa escola pública; interesses: leitura, ouvir música, natação, natureza e fotografias; correspondência em inglês. Endereço: Col. Ruperto Abellon National School; Guisijan, Laua-an; Antique 5705; FILIPINAS.

Christopher Kabaso: 30 anos; solteiro; estuda marketing; *hobbies:* viagens, fazer novas amizades, intercâmbio de cartas, música, jogar “badminton”, natação e atividades para jovens; correspondência em inglês. Endereço: Luanshya Municipal Council; P.O. Box 90140; Luanshya; ZÂMBIA.

Menya Robert Kakaire, Jr.: 25 anos; solteiro; estuda administração de empresas; interesses: leitura, viagens, intercâmbio de cartas, música e programas da igreja; correspondência em inglês. Endereço: P.O. Box 122; Mbale; UGANDA.

Sonia Mabel Kidruk: 22 anos; solteira; estuda engenharia civil; *hobbies:* viagens, ouvir música, leitura, desenho, esportes, intercâmbio de cartas e coleção de cartões postais; correspondência em espanhol ou inglês. Endereço: C.C. 221; 3360 Oberá, Misiones; ARGENTINA.

André Claris Lombart: solteiro; missionário, trabalhando como professor de inglês; *hobbies:* esportes, leitura, música religiosa, compartilhar a fé, artes e idiomas; correspondência em inglês, holandês, francês, alemão, italiano ou escandinavo. Endereço: P.O. Box 12; Heliopolis, Cairo; EGITO.

Paul Macintosh: 24 anos; solteiro; estuda literatura inglesa, antropologia e um idioma africano; pretende ser professor do 2º grau ou envolver-se num trabalho de ajuda ao desenvolvimento; interesses: leitura, viagens, música, artes, caminhadas, filmes; correspondência em inglês. Endereço: P.O. Box 20; Muizenberg 7950; ÁFRICA DO SUL.

David Marnaw: 20 anos; solteiro; prepara-se para estudar medicina; *hobbies:* intercâmbio de cartas, tocar violão e piano, canto e leitura; correspondência em inglês. Endereço: Spicer Memorial College; Aundh Road; Pune 7; ÍNDIA.

Barbara Morgan: 21 anos; solteira; terminando engenharia elétrica, inglês e espanhol; *hobbies:* fazer novas amizades, escrever poesias, esportes, coleção de figurinhas de beisebol, música, fazer compras e leitura; correspondência em inglês ou espanhol. Endereço: 3501 S. Stover, apto. 19; Fort Collins, CO 80525; E.U.A.

Evans Nyamari Nyakeri: 27 anos; casado; possui bacharelado em educação; interesses: tocar violão e piano, cantar, viajar e pregar; correspondência em inglês. Endereço: Box 514; Nyamira; QUÊNIA.

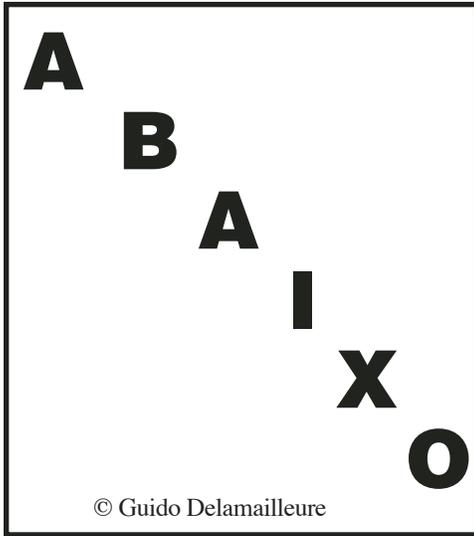
Gordon Ely Ogutu: 25 anos; solteiro; formado em ciências sociais; *hobbies:* viagens, esportes, fazer novas amizades e troca de lembranças; correspondência em inglês ou swahili. Endereço: Box 43199; Nairobi; QUÊNIA.

Audrey Shabalala: 23 anos; solteira; terminando contabilidade; interesses: jogar xadrez, ler a Bíblia e música religiosa; correspondência em inglês, preferivelmente com pessoa adventista do sexo feminino. Endereço: Raise Electronics; P.O. Box 5498; Limbe; MALAWI.

Janice A. Swaby: 33 anos; solteira; estuda ortóptica; interesses: cantar, coleção de selos, manter-se em forma, fazer tricô e viagens; correspondência em inglês. Endereço: 10 Coverdale Road; Sheffield, South Yorkshire; S7 2DD INGLATERRA.

Mordreck Taruvinga: 37 anos; solteiro; formado em educação, atualmente ensina numa escola adventista e estuda literatura; interesses: fotografia e leitura de revistas e livros adventistas sobre a história denominacional; correspondência em inglês. Endereço: Muroranhanga S.D.A. School; Box 435; Karoi; ZIMBÁBUE.

Se você deseja ser incluído numa lista como esta, envie seu nome e endereço postal, mencione sua idade, sexo, campo de estudos ou grau profissional, atividades recreativas ou interesses e o idioma no qual você deseja manter correspondência. Envie sua carta a: *Dialogue Interchange*; 12501 Old Columbia Pike; Silver Spring, MD 20904-6600; E.U.A. Por favor, escreva de forma clara. A revista não pode assumir nenhuma responsabilidade pela exatidão das informações ou pelo conteúdo da correspondência porventura resultante.



“Portanto, se o Filho os libertar, vocês serão livres de verdade.”
— *João 8:36*
A Bíblia Viva



